

DEBAIXO DA TERRA

Lucas Zanella

1.

Nós realmente não sabemos o que fazemos.

Nós todos, como uma espécie, somos muito dispersos, cada um em seu canto. Nosso mundo é dividido entre nações, e cada uma faz suas coisas. Se uma cria uma arma incrível que poderia potencialmente nos salvar, ela não seria compartilhada. Isso porque nós desconfiamos de nós mesmos, e esse é o nosso problema.

Uma nação faz algo revolucionário para a guerra, mas esse algo é guardado para talvez uma futura guerra contra algum outro país – provavelmente os Estados Unidos, já que eles fazem guerra até com a avó. Nós não compartilhamos, e, portanto, alguns países são menos protegidos que outros. Essa foi a nossa maior falha.

– Como líderes, nós não prestamos. A gente merece se foder! – continuei.

– Uou. Uou. Uou – Carlo começou, me obrigando parar o argumento. – Nós não merecemos nada, meu amigo. A culpa não é totalmente nossa, quer dizer...

– Carlo, vamos ser sinceros – levantei-me do meu sofá e me aproximei, apoiava-me nos braços do sofá dele,

elevei um pouco a minha voz, mas não gritei. Nunca grito.
– Nós somos retardados! Vai me falar que a culpa foi deles? Hein? Foi deles?

Nessa hora eu já tinha começado a falar com uma voz mais fina, realmente para irritá-lo ao ponto que falaria algo sem pensar, e essa seria sua verdadeira opinião. Uma técnica antiga que começara a usar havia séculos.

– Claro que não! – ele gritou, eu me afastei um pouco e, eventualmente, sentei de volta em meu lugar. A cafeteria estava levemente movimentada, alguns outros grupos ainda discutiam, talvez não a mesma coisa. Éramos os únicos dispostos a falar sobre a guerra. – Mas a culpa não foi nossa... Digo... noooossa! – ele fez círculos com as mãos, querendo realmente falar “nós”.

O papel de parede da cafeteria era marrom claro, o piso de um cinza muito claro, parecia ser de madeira, mas não era, apenas a textura que imitava madeira de carvalho. Mais para o centro do prédio, junto das janelas que mostravam a realidade do lado de fora, algumas mesas altas acompanhadas por bancos altos. Poucas pessoas, talvez outras dez, no máximo.

Três na fila para o café, mas uma mulher da fila já havia deixado sua bolsa sobre uma das mesas vazias, as outras olhavam para seus relógios, estavam com pressa, precisavam ir ao trabalho. Mais três grupos conversavam algo que não dava para entender, todas as vozes se misturavam como numa grande multidão. Um grupo de três conversava, provavelmente, sobre algum seriado, já que todos tinham uma camiseta com o tema de um específico, mas não peguei o nome direito por conta das dobras que comiam palavras, algo como Te Metlist.

Duas pessoas flertavam no canto, o garoto sorria para o outro de um jeito que, para mim, mostrava ser óbvio o interesse. E um homem e uma mulher perto da janela, eles apenas tomavam seus cafés e ocasionalmente trocavam uma ou outra palavra. Talvez um casal que tivera acabado de discutir, mas um dependia do outro e não poderiam simplesmente sair de lá.

Perto de onde estávamos, escorado à parede, uma grande estante repleta de livros, tanto ficção quanto não-ficção, educativos ou para entretenimento. Estava lá para os que queriam ler algo e gostavam do ambiente da

cafeteria. E nós estávamos sentados em sofás vermelho-escuros que combinavam com as outras cores do local, e eram confortáveis. Mais a frente de nós, num canto escuro, alguém sentado num puff de mesma cor, com um laptop em seu colo.

Era um escritor, ou pelo menos eu gostava de pensar que era, pois ele sempre iria lá e começaria a encarar a tela. De vez em quando escrevia por uma ou duas horas, depois pegava um livro e lia por meia hora para se distrair. Voltava a escrever algo logo depois.

– Eu te entendo – Camila disse, seu cabelo era castanho e estava liso, embora preferisse ondulado. E as bochechas naturalmente avermelhadas foram apagadas com maquiagem, infelizmente. Era linda naturalmente, mas nunca estava dessa maneira. – Mas é claro que não é nossa culpa, nós tínhamos... O quê? Quinze ou quatorze anos quando a guerra começou!

– Olha, eu só não quero culpar ninguém. Pode ser que os outros não tinham a intenção inicial de guerra, mas eles a terem começado não foi culpa deles – Carlo continuou com sua defesa.

– Claro que não, eles só estavam se defendendo!
Essa merda toda foi culpa dos Estados Unidos – falei alto.

A garota que estava atendendo, loira e com o cabelo preso, olhou-me como se não tivesse acreditado no que acabara de dizer. Eu olhei para ela e disse “desculpa”, mas sem produzir nenhum som. Ela aceitou minhas desculpas e continuou com o atendimento com um sorriso.

O uniforme era verde-escuro, um avental em volta do pescoço e que caía no torso e uma espécie de boné da mesma cor, com o logotipo da cafeteria – o contorno de uma xícara de café quente sobre três livros deitados.

– Desculpa – falei para os meus amigos. – Mas eram eles que estavam com medo da descoberta e foram eles que mandaram um foguete pro Syms, mesmo que tenha sido nós, o Brasil, que descobrimos a existência da merda do planeta. E vou te falar uma coisa, se a gente tivesse cuidado de tudo e mandasse os EUA tomarem no rabo, a gente estaria trocando conhecimento, não tiros.

– Você não pode falar com tanta certeza, vai ver a gente iria fazer a mesma coisa – Camila argumentou. – A gente também teria medo, mandaríamos os astronautas

com armas, se é que fôssemos mandar astronautas.

– A gente deixaria eles em paz! – falei com certeza.

Camila apenas sorriu e pousou suas costas no sofá, achando uma melhor posição para descansar até que tivesse de voltar ao trabalho. Carlo, um negro alto e de cabelo preto e curto, continuou inclinado para frente, segurando suas mãos, estava nervoso. Ele não gostava de falar sobre essas coisas que envolviam política ou a guerra. Era algo que dava estresse o suficiente, em sua opinião.

Ele vestia um terno cinza escuro, com uma gravata clara, era um advogado e estava no horário do seu almoço, que começava bem mais cedo do que o próprio almoço. Camila havia ido à cafeteria diretamente do estúdio onde trabalhava como modelo, estava maquiada e usava um vestido rosa claro. Os dois tiravam suas folgas naquele horário justamente para que pudéssemos sentar e conversar, aquele era o meu horário de descanso, das 9h30min às 10h.

Eu vestia, basicamente, a mesma roupa da atendente, que vinha me informar que meu “horário de

lanche” havia acabado.

– É, eu sei – falei para ela antes mesmo de se aproximar. Voltei-me para os dois na minha frente, que encaravam o teto e o chão. – Preciso voltar. Vejo vocês de noite!

– Tchau! – eles disseram, já estavam voltando para os seus trabalhos também.

Meu cabelo era curto como o de Carlo, mas o dele era crespo, o meu um pouco liso. E era pálido, muito. Já não saía no sol antes. Naquele estado, então...

Gostava do meu olho azul, mesmo com pequenas bolas brancas nos olhos, elas apenas acrescentavam à intensidade do olhar, na minha opinião. Eu trabalhava no Expresso Impresso praticamente todo dia, por umas doze horas por dia. Chegava sempre às sete da manhã e só saía às sete da noite, com intervalos de manhã e de tarde.

Não odiava o trabalho, mas também não estava exatamente satisfeito com o pagamento. Não tinha exatamente muita coisa que eu poderia fazer além daquilo, afinal, não tinha habilidade para mais coisa nenhuma. Já tentei até mesmo entrar na mesma agência da Camila, e

ela disse que me ajudaria, mas não consegui. Por causa de aparência ou por causa de currículo? Não sei dizer.

Mas sei dizer que a própria Camila não entrou lá por causa do seu currículo. Ela era bela, naturalmente bela. E sempre fora, desde que a vi pela primeira vez.

Para as fotos na agência, usava muita maquiagem e roupas que, de tão elegantes, chegam a ser extravagantes. Mas eu a conheci antes de tudo isso, e sabia o quão bela era, mesmo que todas aquelas camadas de falsidade cobrissem isso.

E eu literalmente aceitaria qualquer emprego, talvez até mesmo assistente do fotógrafo oficial, já que tinha algum interesse por fotografia. Mas nada, nenhum retorno. E nunca mais perguntei para ela sobre isso, preferia não saber. Tipo quando você sabe que foi mal na prova de física, e não quer ver sua nota porque, se ver, aí sim ela se torna realidade. Se não souber dela, tudo bem.

O escritor se aproximou limpando seus óculos camiseta e depois observou suas lentes contra a luz, por fim o pôs de volta no rosto.

– Um Mocha! – ele pediu e eu logo me pus a fazer

o café pedido. Pegava o copo sob o balcão quando ele começou a puxar conversa. – Sabe, eu concordo com você. Não pude evitar ouvir vocês conversando, e creio que estaríamos muito melhor se nós tivéssemos feito a coisa toda por nós mesmos.

– É mesmo? Bom saber que não sou o único com essa visão aí fora! – dei uma leve risada, para ser educado. Não me sentia confortável conversando sobre política ou sobre a guerra com pessoas além de Camila e Carlo. Eu terminava de encher o longo copo de isopor com a camada final do Mocha, a espuma do leite.

– E uns quatro biscoitos, por favor – disse assim que pousei o copo no balcão, ele apontou para a bandeja com os doces. Tirei a tampa de plástico transparente e a coloquei ao lado, pus sobre a mesa um pires e, com uma espécie de pinça prateada, peguei os quatro biscoitos e pus no pires. Entreguei a ele e o homem pagou.

Guardei o dinheiro no caixa e sentei num banco alto parecido com o das mesas à frente. Peguei, de trás de mim, sobre o balcão de madeira com as máquinas para os cafés, um livro. Retirei o marca-página e o deixei sobre o

balcão à frente. Continuei a ler, o que faço quando não tem nenhum cliente.

Para alguém que não pôde se formar nem mesmo do ensino médio, leio bastante. Não é que não tinha o conhecimento o suficiente, mas quando a guerra começou, vieram bombas, e um dos locais atingidos foi minha escola. Graças a Deus, ninguém foi ferido gravemente, mas eu acabei perdendo, no fogo, todos os meus arquivos. Não pude me formar.

Três anos inúteis. Talvez nem tanto, conheci várias pessoas – como aquelas duas pessoas que estavam na cafeteria – e vários autores. Comecei a pensar por mim mesmo e achava que isso seria o suficiente. Adivinha? Não é.

As pessoas simplesmente *precisam* de um papel confirmando que você sabe disso e daquilo. Não consegui emprego, mas o sr. Torres, dono da cafeteria, me aceitou. Provavelmente porque acabamos conversando sobre Darwin e Dawkins no meio da entrevista, ele percebeu que eu sabia me virar.

E, na verdade, talvez esse incidente seja justamente

a razão por eu não ter conseguido o emprego junto de Camila. Mas não penso sobre isso. É o tipo de coisa que apenas me faz permanecer acordado à noite, deitado na cama e virado para a parede, torcendo para que um monstro saía do chão e...

– Ei! – ouvi um grito, me assustei. Havia uma garota à minha frente, era ruiva, de cabelo cacheado e olho cor de mel, parecia nervosa.

– Oi. Desculpa! – falei assim que passei a prestar atenção no mundo à minha frente, ela provavelmente estava tentando chamar minha atenção havia algum tempo.

– Tudo bem, o que você tá lendo? Deve ser muito interessante! – ela tentou espiar por cima do balcão.

– O Iluminado, é um clássico de alguns vários anos – respondi prontamente.

– Ah, e tá em que capítulo? – perguntou novamente.

– 11.

– Ah, esse é bom, mas prefiro o 12. É divertido e misterioso, tudo ao mesmo tempo!

Sorri, foi espontaneamente dessa vez.

– Vou me apressar para chegar nele, então – respondi prontamente. – Qual seu pedido?

– Espresso italiano. Obrigada! – logo pôs o dinheiro sobre o balcão, eu entreguei o café em alguns segundos. Devolvi uns três reais em moedas de 1 real e ela as depositou no jarro de gorjetas, foram as primeiras do dia.

Sorri para a garota, mas quando pensei em puxar mais assunto ou perguntar seu número, ela já estava na calçada, olhando para cima e tomando um gole do café. Ela sabia como era a vida antes, por isso o olhar era distante. Ela queria ver além do que era possível do subterrâneo.

E, por um breve momento, eu também me lembrei de como é “lá em cima”. As estrelas à noite, o sol e as nuvens de dia. A noite era minha preferida, pois podia encarar o céu por quanto tempo quisesse, ou por quanto tempo minha curiosidade e vontade de ver além quisesse. E, numa noite sem muitas estrelas, eu vi além.

Segurava em minhas mãos um papel que havia

imprimido alguns minutos antes. Procurava no céu o mesmo padrão de estrelas, mas era difícil. Quando finalmente achei, olhei bem em seu meio e disse, em voz baixa, “oi”. Eu encarava Syms, como o planeta fora nomeado pela sua descobridora, Morgana Fletcher, que estudava astronomia na época.

Meu olhar fixo no nada, apenas pensando sobre o passado, foi interrompido pelo barulho de sino, a porta fora aberta e isso fez com que ele tocasse, ficava diretamente acima dela. Pensei que poderia ser a garota voltando, por um segundo senti uma ponta de felicidade, mas era apenas o sr. Torres. E ele parecia preocupado.

– O que aconteceu? – perguntei baixinho quando ele passou para o meu lado do balcão.

– Inspeção – foi tudo o que disse.

– De novo? Mas eles inspecionaram semana retrasada! – protestei, ele fingiu não ouvir. Eu não o culpei, afinal, não havia muita coisa que ele poderia fazer, só podia cooperar. Assim eles não fechariam o local porque estava “sobre investigação”, que parecia ser a desculpa padrão para aqueles que não cooperam.

Ele bateu palmas algumas vezes e esperou até que todos voltassem sua atenção para ele.

Começou a falar em um tom alto e superior.

– Desculpem a inconveniência, mas teremos de fechar a cafeteria mais cedo hoje. Eu quero fazer algumas reformas por aqui, e quando vierem amanhã, creio que gostarão do que verão – mentiu facilmente, fizera várias daquelas reformas durante o ano todo.

A maioria dos clientes estava insatisfeito, como se não quisesse sair de lá. Geralmente, isso é uma coisa boa, mas não naquela hora. Fiquei junto do chefe esperando todos saírem, o escritor foi o último, que apenas olhou para mim e piscou, ele sabia o que realmente estava acontecendo. Pelo menos parecia saber, escritores sempre sabem das coisas.

O último saiu e esperamos até que o sino parasse de tocar.

– Pegue aqueles bancos e mesas novas, a gente bota eles depois da busca!

– Sabe, eu acho que essas reformas forçadas estão ficando muito caras! – reclamei novamente.

– Nem me fale...

Não pude nem mesmo sair, pois fui barrado por um dos policiais vestindo um uniforme azul-escuro e capacete que lhe cobria o rosto todo, como se o tivesse vergonha de o mostrar.

Já sabia que não deixariam que eu saísse de lá até que tivessem acabado, então sentei no banco atrás do balcão. O chefe foi para o centro da cafeteria, queria ter certeza de que os policiais não destruiriam nada sem que houvesse necessidade. Geralmente não faziam isso, mas a cada dia novas pessoas se juntavam à polícia e aos militares, pois sempre há gente diferente nas ruas, delegacia e junta militar, e nunca se sabe como elas são.

Começou com dois policiais vistoriando a estante de livros, depois mais quatro começaram a investigar atrás do balcão. Eles procuravam por qualquer coisa que pudesse ser feita pelos symianos. Era fato que eles possuíam espões aqui na Terra, mas não se tinha como identificá-los. Para isso todas as câmeras de segurança dentro de estabelecimentos e nas ruas.

Todas as filmagens iam diretamente para os

técnicos especializados, eles procuravam por atividade suspeita. Por incrível que pareça, o governo não ficava feliz ao prender um traficante de drogas, pois procuravam por um espião. E 10/10 vezes que eles interrogam um suspeito, ele vai preso por drogas, nunca por espionagem. Pois nunca encontraram ninguém, e isso os enfurecia.

Algumas câmeras estavam dentro da cafeteria, mas apenas o mínimo exigido. Infelizmente para eles, não podiam obrigar as pessoas a terem câmeras dentro de suas casas.

Naquele exato momento, eles procuravam por dispositivos que poderiam estar transmitindo informações para a nave-mãe dos inimigos, mandando nossas forças e fraquezas. Francamente, eles já sabiam nossa fraqueza, e já tinham como nos liquidar, apenas não faziam isso porque era divertido para eles, provavelmente.

E se eu tivesse o planeta que tentou nos matar em sua primeira visita comendo da minha mão, eu faria a mesma coisa. Estávamos na mira de sua arma, e eles apenas queriam gritar, de vez em quando, “dance!”, mas nunca atiravam. Isso era o pior.

Eles apenas matavam aqueles que tentavam uma invasão, nunca mais soltaram mísseis ou bombas aqui na Terra, aquela que destruiu minha vida fora a única. Graças a Deus, se é que ele está lá em cima. Se está, ele torce para os nossos inimigos. Essa é a minha sincera opinião.

Os livros estavam espalhados no chão, as mesas caídas e os bancos com o estofado todo revirado. Era assim que eles deixavam a cafeteria toda vez que iam fazer uma revista lá. E partiram para o próximo estabelecimento, tudo demorou uma ou duas horas. Começamos a arrumar as novas mesas e cadeiras.

O chefe logo foi ao computador da administração dentro do seu escritório e encomendou produtos novos, para que parecesse que realmente havíamos reformado o local todo em apenas um dia.

Quando estávamos prontos, era por volta das quatro da tarde. Sr. Torres estava sentado num dos bancos novos, eu vinha do banheiro, onde fora lavar minhas mãos que ficaram sujas rapidamente com a reforma. Havia um vão no balcão preso à parede, e nesse vão uma porta que

levava para o setor administrativo e o banheiro.

Era só o que havia lá para trás, além do armazenamento de ingredientes e objetos. O sr. Torres olhava pela janela, o mesmo olhar fixo que observava o nada.

Mas sua expressão mostrava uma leve tristeza, que ele tentava desesperadamente disfarçar. Mas claro que não conseguia. Isso acontecia sempre depois de uma revista.

– Sabe, provavelmente ninguém mais vai vir hoje. Por que não vai pra casa? – ele disse sorrindo de leve.

– Claro – falei, tirei o avental e o boné e os deixei sobre o balcão.

Sempre ia para casa mais cedo nos dias de revista. Gosto de pensar que ele me manda pra casa porque realmente não vai vir mais ninguém. Mas ele provavelmente apenas vira a placa na porta para “fechado”, fecha as cortinas da cafeteria e fica sentado em sua mesa, na administração, pensando se deveria continuar com aquilo.

Ele andava deprimido, com a morte da esposa por conta do câncer e tudo mais. Temo que algum dia, depois

de uma inspeção, entrarei na cafeteria apenas para encontrar o sr. Torres caído no chão.

Eu sei o que aconteceria, ele já me falou. Deixaria a cafeteria para mim, já estava escrito em seu testamento, mas eu não saberia tomar conta daquilo. Especialmente sem ele. E também temo porque, não importa o quanto te pressionem, não se deve morrer dessa maneira, é como dar a eles o gostinho da vitória.

E nem sei se falo sobre o governo ou sobre os symianos, pois ambos parecem tentar te matar aos poucos. E, pelo menos no sr. Torres, o governo parecia estar fazendo um trabalho melhor do que os alienígenas.

Fechei a porta e soltei o trinco devagar. Logo a cortina foi fechada e não soube mais o que acontecia lá dentro. O sol provavelmente ainda brilhava no céu, mas estávamos bem longe dele.

Toda a rua era iluminada por fortes luzes que simulavam muito bem a luz solar, elas eram presas no teto da caverna onde morávamos.

Tinha asfalto, calçadas, tudo. Era basicamente a mesma vida que levávamos na superfície, mas ainda

parecíamos não estar tão evoluídos quanto deveríamos. Nas histórias que envolvem alienígenas, os humanos geralmente possuem um grande nicho de tecnologias inovadoras, nós ainda usávamos as mesmas coisas havia alguns anos.

Não estávamos totalmente arrumados para que as pesquisas da ciência e invenções da engenharia voltassem a todo vapor. Era como se tivéssemos dado um passo para trás na escala evolutiva humana.

Andava pela rua sem ter um rumo. Apenas preciso estar na minha casa no horário que saio do trabalho normalmente, e apenas para tomar a vitamina D que todos precisamos. Não tenho o que fazer lá, ninguém realmente tem o que fazer dentro de casa. Claro, nós temos televisão – embora com uma transmissão pior do que antigamente – e o início da nova internet, que é lenta e inútil.

Eu andava, algumas vezes parava e fazia alguma coisa. Ia para a biblioteca, na maioria das vezes. Ler um livro era a única coisa que me distraía. E um fato engraçado é que alguns dos clássicos estão sendo ficção

científica, pois possuem tecnologias que ainda não temos debaixo da terra.

É triste, realmente. Não sei se outras pessoas se sentem assim, talvez elas nem mesmo pensem sobre isso, mas é tudo o que sei fazer. Leio e penso. Esse é o meu problema.

Estava parado na esquina, olhando para o outro lado da rua sem saber o que fazer. Não haviam carros passando, o sinal estava aberto. Havia uma loja de sorvetes logo do outro lado da rua, e algumas pessoas estavam sentadas à frente da loja tomando seus sorvetes.

Era sexta-feira, cinco e alguma coisa da tarde. Os estudantes já haviam saído da escola, alguns paravam na loja para comprar algo, estava quente. A luz artificial no teto simulava muito bem o calor do sol. Se estivéssemos por nós mesmos, estaria muito mais frio.

Com as mãos no bolso, fiquei parado escorado num poste perto da faixa de pedestres, ainda na calçada. Não tinha o que fazer, observei o movimento. É o que costumo fazer.

Era o que fazia lá em cima, com as estrelas, mas

não haviam mais estrelas quando olhava para cima, tudo o que eu podia fazer era observar as pessoas, e apenas de dia. As ruas ficam desertas à noite, recomendação da polícia. Eles patrulham nas ruas toda noite, procurando por qualquer atividade suspeita, qualquer pessoa que talvez, na verdade, não seja humano.

Todos os estudantes tomavam seus sorvetes e sorriam despreocupadamente. Alguns eram bem jovens, talvez fossem bebês ou crianças quando aconteceu. Aquele era, tecnicamente, o mundo deles. Eles se sentiam bem, não tinham o porquê de se sentirem mal.

Provavelmente não se lembravam como era o mundo lá em cima, o que era bom. A ignorância é uma benção, uma que eu não possuo. E mesmo que eu tivesse essa benção, não seria por muito tempo. Eu leio, talvez demais. Em casa, mais de vinte livros que falam sobre constelações e planetas, todos bem antigos, talvez com sete ou oito anos de idade. Eles não eram mais produzidos, não havia o porquê, não havia nem mesmo como.

E os livros de ciência usados nas escolas foram atualizados, para que os jovens não soubessem do que há

na superfície, para que não sintam a tentação de saber como é lá. Os mais jovens, que, acabaram de entrar na escola, sairão de lá com o pensamento de que sempre vivemos daquela maneira, e provavelmente nunca descobrirá como era o mundo antes.

Talvez algum livro de ficção fale sobre as estrelas, mas é ficção. Eles ignorarão isso, acharão que é algo que o autor inventou e não explicou direito o que eram. E não leem muito, então não verão estrelas em muitos livros. Não farão a ligação.

Como eu os invejo.

– Por favor, meu Deus! – pedi de olhos fechados por uma completa formatação da minha memória.

– Socorro! – ouvi um grito, me assustei por um segundo, fora pego de surpresa.

Olhei para os lados e vi uma mulher que acabara de sair de um prédio olhar para um homem de preto que corria pela calçada segurando algo que deveria ser sua bolsa, ele corria na minha direção. Não pude nem mesmo pensar sobre o assunto, como geralmente faria. Tudo aconteceu meio que por instinto.

O ladrão se aproximava, ele corria muito rápido. Aprontei-me para pará-lo. Quando ele chegou perto, usei todo o meu peso para o empurrar contra a parede, usei meu braço direito para manter sua cabeça presa e agarrei a bolsa da mulher

(e se ele tiver uma arma?)

com a mão esquerda. Puxei-a dele e o empurrei com a mão que o deixava preso, ele saiu correndo, ainda bem. Não sabia o que poderia fazer caso ele resolvesse lutar pela bolsa novamente.

Atravessei a rua e entreguei seu pertence para a mulher, ela agradeceu sorrindo. Falou que não acreditava que ainda houvessem ladrões, principalmente em tempos tão difíceis.

– Sempre existiram ladrões, não é porque a vida ficou uma merda que eles deixarão de existir – falei da maneira mais simpática que consegui, mas não era uma frase simpática.

Ela assentiu e agradeceu novamente, perguntou se havia algo que ela poderia fazer por mim, pagar por algo.

– Um sorvete, que seja – ela disse sorrindo.

– Não há necessidade, senhorita – respondi.

– Bom, se você diz. Obrigada novamente!

O prédio de onde ela vinha era, claro, a escola. Ficava alguns metros longe da sorveteria da esquina. Era um prédio grande, devia ter por volta de cinco andares, e havia um letreiro que dizia Escola Municipal Inácio Fontoura bem grande, mostrando com orgulho o nome da escola. Eu o encarei por um momento e decidi que deveria voltar para casa.

Ela ficava um pouco longe de lá, então precisei apurar o passo. Usava uma camiseta branca e de manga curta, então a luz artificial não me afetava tanto quanto os outros. Mas usava um jeans e um tênis escuro. Andava rapidamente, queria chegar em casa logo.

Precisava passar por diversas lojas e casas até a minha, e isso sempre me fazia pensar nos tempos antigos. Mas, naquela época, absolutamente tudo me fazia lembrar dos tempos antigos. A delegacia estava fechada, os policiais ainda deveriam estar vasculhando pela vizinhança.

Algumas famílias estavam sentadas no quintal da

frente, uns tomando chimarrão, outros jogando cartas, ou então apenas conversavam enquanto os filhos brincavam. Outras casas estavam completamente fechadas, as famílias raramente saíam de dentro, umas eram porque tinham pânico da guerra, outras porque sabiam que não havia nada do outro lado da porta.

Preferiam viver isolados do que viver uma vida falsa. Eu não era uma dessas pessoas, claro, mas não sabia por quê. Talvez porque o isolamento me deixaria maluco, não falar com uma pessoa. As famílias ainda têm entre eles mesmos, mas eu não tenho ninguém.

Moro num pequeno apartamento num prédio alguns quarteirões de distância da cafeteria. É um prédio branco, a pintura é escassa, como se a cor estivesse quebrando para mostrar os tijolos que se escondiam atrás dela. A porta é grande, mas não chama atenção, é simples. O prédio parecia querer ficar longe da vista das pessoas.

Eu morava no segundo andar, apartamento 219. Entrei do prédio e notei que algumas das plantas que o dono deixara lá começavam a murchar, ninguém nunca as dava água. Puxei uma porta pelo puxador, entrei num

corredor e a soltei. Andei olhando para os números dos quartos apenas para ter o que fazer e, no fim do corredor, havia uma escada para o próximo andar. Aquele prédio não tinha elevador, era caro demais construir um.

Fui para o lado e deixei um senhor passar por mim, ele me pediu licença e agradeceu assim que passou. Continuei andando. O segundo andar era o mais bonito de todos, mas talvez só achasse isso porque via ele todo dia, começara a me acostumar.

O papel de parede era bege, com contornos de uma selva em uma cor um pouco mais escura, o desenho era feito em relevo. O carpete no chão era de um azul calmo, que combinava com o papel de parede. Havia alguns padrões geométricos em um marrom que combinava com a cor azul, era um losango ligado a outro, e assim até o fim do corredor. O primeiro andar não possui papel de parede ou carpete, apenas o segundo e terceiro.

Parei em frente a minha porta e procurei pela chave no meu bolso. Um soldado saiu de seu apartamento e trancou a porta, saíra do 223.

– Boa tarde, Renato – o soldado disse em voz firme

ao passar por mim em direção a escada.

– Boa tarde, senhor – respondi logo em seguida.

Acompanhei seus passos com meus olhos, ele parecia nervoso, talvez. Antes de descer por completo aquele conjunto de degraus, olhou para trás, diretamente para mim, sua cara não era nada amigável. Parecia estar zangado, até mesmo furioso comigo. Ele era loiro e o cabelo cortado estilo militar, claro. Usava um uniforme verde-escuro e segurava uma espécie de chapéu da mesma cor do uniforme perto do peito com o braço esquerdo.

– Esquisito! – falei baixinho e com tom de voz de zoação. Tirei a chave do bolso quando a encontrei e destranquei a porta.

Antes de fechar a porta, estiquei o pescoço para fora e olhei na direção da escada, como se ela pudesse me dar alguma resposta. Não obtive nenhuma e voltei para dentro, tranquei a porta novamente e cáí no sofá aconchegante que me esperava.

O apartamento era simples, eu estava na sala de estar, que se constituía inteiramente de uma estante com livros, uma televisão pequena que nunca era ligada, o sofá

que usava todo dia, uma mesa de centro à frente dele, onde colocava livros que estava lendo e um abajur ao meu lado, para que não precisasse deixar a luz principal ligada à noite.

Mais para o fundo, mas sem nenhuma divisória por parede ou porta, meu quarto, que era apenas uma cama e um criado-mudo ao lado. À direita da porta, a cozinha com a geladeira, fogão e alguns armários simples, era separada apenas por um balcão que possuía um vão quando chegava perto da parede, parecido com aqueles em restaurantes.

O banheiro era o único quarto que realmente possuía um lugar só para si, com porta e paredes para que fosse um lugar privado.

Recostei-me no sofá e pus meus pés sobre a mesa de centro, não havia nada sobre ela a não ser um vaso de flores que só estava lá para bonito. Passei a mão pelo rosto, tentando me livrar da sensação de cansaço e lerdeza.

Puxei para perto de mim meu laptop e o coloquei sobre meu colo. Apertei o botão e rapidamente o sistema operacional ligou. Abri o navegador de internet e logo ele

entrou num fórum, os fóruns eram as únicas coisas que carregavam com rapidez.

Era apenas um fórum de discussão de assuntos gerais, mas eu tinha um certo interesse naquelas discussões sobre a guerra. Há sempre alguém que está por dentro do que acontece, ou então consegue descobrir uma coisa ou outra. Eu nunca participava, era apenas um observador.

E observei um tópico que me interessava. Fora escrito por uma garota que, como eu, tem saudades da superfície. Ela começava fazendo um chamado para todos aqueles que querem ir para cima, nem que seja por apenas um segundo...

"Eu sei como ir para a superfície. Estava no meu trabalho e um grupo de militares chegaram para me fazer um convite. Eles disseram que estavam aceitando recrutas que se dispõem a lutar na guerra, e que esses recrutas deveriam ser corajosos, pois iriam justamente para o coração da batalha, no meio do campo lá na superfície. Disseram que possuíam minha ficha e achavam que eu seria uma excelente candidata para o exército.

Creio que você possa simplesmente ir se alistar no local mais próximo da sua região, e há uma boa chance de conseguir. Sei que para muitos isso seria algo estúpido de se fazer, mas eu me candidatei e hoje recebi a ligação de que poderia ir me apresentar aos militares pois meu treinamento começaria. Eu vou lá pra cima amanhã e mal posso esperar. Se você também tem essa vontade, ou mesmo nostalgia de ver as estrelas, sentir a grama de verdade, faça o mesmo.

Eu sei que parece ser um motivo bobo para fazer algo tão perigoso, mas vocês não sabem o quão difícil é a vida para mim aqui nessa caverna sem vida. Não aguento olhar para cima e ver um teto, e não possuo família, ninguém que irá sentir minha falta. Então me alistar para o exército talvez seja, na verdade, a coisa mais sensata que já fiz em toda a minha vida debaixo da terra.

Eu espero voltar viva, mas, acima de tudo, espero ter meu desejo realizado. Quero ver como é a superfície novamente, não aceitarei morrer dentro de uma caverna quando o ar livre está apenas alguns metros acima de mim.

Adeus, para todos. Creio que esta será a minha última contribuição para a discussão sobre a guerra que há cinco anos vêm trazendo tristeza para a humanidade. Já fui muito contra dela, deixei isto claro em minhas postagens. E já criei muitas teorias malucas apenas para me dar ao trabalho de não pensar sobre o assunto. Mas acabava pensando ainda mais.

E ainda sou contra ela, mas quando o inimigo não sai do seu quintal e te impede de ver as flores, talvez você deva se juntar a ele.

Luana K."

Então era isso? Eu só precisaria me alistar que poderia ir à superfície? Isso era incrível. Nunca imaginaria que teria uma oportunidade como essa simplesmente batendo na minha cara. Fechei o computador e deitei em minha cama, encarava sem sono o teto.

– O que eu faço? – sussurrei ainda olhando para cima, a única luz que entrava no quarto vinha das janelas cobertas por uma fina cortina marrom.

Pensava nas consequências. Queria voltar à superfície, mas será que participar da guerra valia a pena?

Aquilo não era brincadeira, e mesmo que minha vida não fosse assim tão excitante, não queria que ela acabasse. E como estaria o mundo superior após quase cinco anos sem cuidados, apenas destruição?

Claro que destruíamos muito o mundo antes, mesmo estando sobre ele e dependendo de seus recursos, mas ele poderia estar muito pior. Não sabia se valia a pena adicionar à minha lembrança da superfície seu estado atual. A superfície da qual me lembrava era linda, verde e azul. Ela não era mais assim, não teria como ser.

Era a maior decisão que já tive de tomar em toda a minha vida, e fiquei pensando nela por pelo menos cinco horas. Acabei dormindo por apenas três horas. Acordei me sentindo um lixo, mas com a certeza mais clara de toda a minha vida. Eu iria para a superfície!

Levantei da cama com vontade pela primeira vez em um bom tempo e me joguei debaixo do chuveiro. Em menos de quinze minutos, eu já estava completamente arrumado, com a intenção de causar uma boa primeira impressão. Agarrei meu casaco que descansava no cabide, o dia

aparentava estar frio, e eu não estava errado.

Antes de tudo, arranquei uma folha de uma agenda e peguei uma caneta que estava jogada na mesa de centro. Comecei a escrever um bilhete que melhoraria depois. Ele dizia que havia me alistado no exército e, com sorte, seria aceito e iria à superfície. Pedia desculpa aos meus amigos por estar saindo de perto deles e dizia que me sentia mal por não os ver mais por um bom tempo, talvez até mesmo nunca mais os veria. Se as coisas não acabassem bem, poderia nunca mais voltar...

Terminei a primeira versão e pensava em já deixar tudo pronto, só precisaria lhes entregar caso tudo desse certo. Mas olhei para o relógio e não havia mais tempo, decidi que deveria terminar isso depois, pois queria ser o primeiro a chegar na junta militar, para ser o primeiro a ser atendido. Deixei a caneta e o papel sobre o balcão da cozinha mesmo, assim o acharia com facilidade quando voltasse para casa à noite.

A rua era praticamente deserta, com a exceção das poucas pessoas que andavam aos seus trabalhos e algumas crianças esperando numa parada de ônibus. Mas nenhuma

pessoa em frente as suas casas, conversando. Era frio demais para isso, por volta de cinco graus. Eu esfreguei minhas mãos nuas, não havia pensado em pegar luvas. Levantei a gola do casaco e prossegui a andar até a junta do serviço militar que havia na cidade.

Ainda era relativamente cedo, as lâmpadas que imitavam o sol ainda não estavam em sua energia completa, foram ligadas recentemente. Elas demoravam um certo tempo até que fossem completamente ligadas ou desligadas. Era algo completamente aleatório sem nenhuma segunda intenção, mas em minha mente achava que isso acontecia apenas porque eles queriam que tivéssemos uma espécie de nascer e pôr do sol.

Então tudo parecia ser a mesma coisa, até que se olhasse para cima. Mas eu evitava fazer isso o melhor que conseguia. Infelizmente, isso não era o suficiente.

– Bom dia, Renato – um velho vendedor de frutas falou com um sorriso de orelha a orelha. – Vai querer uma maçã hoje?

– Agora não, seu Cláudio. Talvez mais tarde – respondi sorrindo também. Sempre comprava uma maçã

no caminho para o trabalho.

Continuei andando, e na medida em que passava os vendedores abriam suas lojas jogando a porta de metal para cima e esperando por compradores. Muitos me olhavam na esperança de que fosse parar para comprar algo, mas apenas passava reto. Não tinha tempo, precisava chegar na junta militar o mais rápido possível.

Estava nervoso, estalei meus dedos e os soprei para ver se isso os esquentaria. Andava rapidamente, e o local não era longe de lá, talvez umas três quadras depois da cafeteria. Se não demorasse muito, poderia ir diretamente para o trabalho depois e me desculpar com o senhor Torres pelo atraso.

No bolso, todos os documentos que julgava serem necessários para o alistamento. Quanto mais andava, mais ansioso ficava. Começava a esperar que não fosse demorar para que pudesse ir à superfície.

Passei pela frente da cafeteria, ela ainda estava fechada. Olhei para o relógio em meu pulso e ainda era cedo, por volta das seis e quarenta. Mas o sr. Torres geralmente a abre por volta das sete. Deveria estar lá

dentro aprontando tudo para o momento em que o Expresso Impresso abrisse.

Comecei a andar em passos ainda mais rápidos. Cheguei em frente a junta militar e encarei o prédio simples. Era branco, mas um branco bonito e não destruído como o do prédio do meu apartamento. Espiei pela porta e não vi ninguém, ela estava trancada.

Pensei em voltar para o trabalho e voltar lá mais tarde, quando saberia que não poderia estar fechada. Afastei meu rosto que estava grudado no vidro e voltei a olhar o relógio, sete horas. Olhei do outro lado da rua e as lojas lá por perto também não haviam aberto. O dia ainda não chegara naquela parte da cidade.

Saí de perto do prédio e me dirigia ao meu trabalho, mas vi alguém entrando na junta militar por uma porta lateral. Pensei que talvez fosse melhor esperar eles abrirem o lugar, mas acabei seguindo o homem que entrou mesmo assim. Qualquer coisa inventaria uma desculpa na hora, era bom para essas coisas.

Andei em passos lentos, sem fazer barulho. A porta continuava aberta, espiei dentro do prédio e ninguém

estava por perto. O militar provavelmente apenas havia se distraído e esquecido de fechar. Entrei ainda agachado, como se fosse um ladrão prestes a assaltar uma casa. Esperava que eles não pensassem a mesma coisa.

Ouvi uma voz vindo de uma sala, e a voz parecia calma, mas com uma pitada de nervosismo.

– Traga-a aqui! – uma voz falou, outro saiu da sala e se dirigiu a uma logo a frente.

Ouvi barulhos, gemidos. E não estava enganado. Logo o mesmo homem que esquecera de fechar a porta saiu do quarto empurrando uma garota que estava amordaçada. Eu me escondi melhor no vão entre dois grandes sofás, o homem não me viu, o que foi por pouco, pois olhou exatamente na minha direção. Xingou-se e correu para fechar a porta, deixou a garota sozinha por um segundo, e ela pensou em fugir, mesmo sabendo que não conseguiria.

Ela se virou e pareceu estar preparada para sair correndo, mas me viu. E eu olhava para ela também. Pareceu estar aliviada, mas eu não teria como a ajudar, mesmo que realmente fosse inocente do que quer que

estivessem a acusando.

Não consegui fugir, ficou paralisada enquanto me encarava, e quando voltou a si, o militar a agarrou pelo braço e a levou para a sala do homem de voz grossa, seu chefe.

– Ótimo, sente-a aí! – ordenou, ouvi o barulho da cadeira se arrastando pelo chão, ela fora jogada nela, outro gemido de dor ou reclamação. – Tire a mordação dela.

– Tem certeza, senhor? – ele ousou perguntar.

- Sim, e feche a porta – o militar o obedeceu. Possibilitou-me ficar mais perto da porta, a orelha contra a madeira e ouvia tudo o que falavam nitidamente.

O barulho de respiração forçada, retiraram a mordação dela.

– Por que vocês tão fazendo isso? É alguma espécie de treinamento maluco? – perguntou ousadamente a garota.

– Treinamento... Para que? – o homem, possivelmente general, falou.

– Para... o alistamento! – esclareceu a garota.

O general apenas riu, e bem alto.

– Você não foi convidada para participar do exército, srta. Keplan.

Não ouve nenhum som, ela deveria estar surpresa. Não sabia o que estava acontecendo, e nem eu entendia por que tudo aquilo ocorria.

– Não – o general falou com uma voz simpática. – Você está aqui porque olhamos algo, sim, na sua ficha. E você é uma das principais integrantes de um fórum.

– E o que isso tem a ver? – ela perguntou.

- Ah... muita coisa. Sabe, vocês são tão inúteis, não sei porque não simplesmente acabamos com vocês logo de uma vez. Nós rastreamos toda a internet, e não gostamos do que está falando nesse fórum.

– O que eu estou falando? Nunca falei sobre o exército lá, eu juro!

– Não, o exército não. Mas falou sobre os alienígenas, e sobre diversas teorias da conspiração que inventou do nada.

– E daí? – ela perguntou com medo em sua voz.

– E daí... – ele falou e ouvi o barulho do seu uniforme se mexendo, ele se aproximava da garota para

falar diretamente em sua cara. – Que uma das teorias que inventou é real!

Riu novamente, uma risada esquisita, e sem o tom de maleficência, mas maléfica mesmo assim.

Keplan, que entendia ser Luana, não falou nada.

– Senhor – o soldado falou e aguardou um segundo antes de continuar: – O que vamos fazer com ela?

O general não respondeu imediatamente, pareceu estar pensando. E foi o silêncio que influenciou em meu susto logo depois. O barulho de tiro inundou o prédio todo. Soltei um grito sem querer e caí para trás.

Não poderia sair correndo porque eles talvez tivessem me notado depois daquilo, eles *já* haviam me notado. Correr não adiantaria nada. Atrás de mim, observei de baixo, outro soldado em pé. Ele me agarrou pelo ombro e abriu a sala abruptamente. O general pareceu surpreso, ainda apontava sua arma para a cadeira agora vazia, fumaça saía do cano e subia para o teto da sala.

Olhei para baixo e Luana estava caída no chão, o rosto virado para o lado, deixava uma poça de sangue ao seu redor. O olhar era vago, mas a expressão do rosto era

calma. Mesmo assim, tampei a boca em choque e tentava tirar meus olhos da garota, mas não conseguia evitar.

Ela achava que eu conseguiria a salvar, mas falhei. Nem mesmo tinha a intenção de salvá-la até segundos antes de sua morte. Pensava que fosse alguma criminosa, mas foi morta a sangue frio, sem nem mesmo ter a chance de se defender. Suas mãos, ainda amarradas, pousavam sobre suas costas, na blusa branca, agora manchada de vermelho.

- Ora, ora, ora. O que temos aqui? – o general perguntou. Mas não podia ser um general. Eu não sabia o que estava acontecendo. Não sabia quem eram aquelas pessoas, mas não poderiam ser do exército.

Eu não respondi, mas então o soldado que me segurava apertou mais minhas mãos, presas contra minhas costas. Senti-me forçado a falar algo, qualquer coisa, mesmo que a mentira. Mas não sabia o que poderiam fazer comigo caso eu mentisse e descobrissem a verdade. Assim como não sabia o que fariam comigo independente do que eu falasse.

– Renato Clarkson – falei com dor em minha voz.

- Ah, olá Renato – ele falou simpaticamente. –
Posso saber o que planejava fazer aqui?

– Eu queria me alistar para o exército – respondi claramente, era a verdade, até algum tempo atrás.

– Excelente – ele disse. – Mas lamento informar que não aceitamos pessoas como você, sabe, pode dar algo errado!

– Como eu? – perguntei curioso.

– Humanos – ele fez uma cara de desgosto.

– Vocês... – não consegui completar minha própria frase, minha garganta pareceu encolher e não conseguia falar.

Ele retirou a arma do coldre onde antes a guardara, não a usou ainda. Ele apenas a apontava para mim e continuava a falar, como se estivesse apenas esperando a conversa acabar para acabar comigo. Precisava entretê-lo por mais tempo possível, mas de que adiantaria? Ele acabaria me matando no fim.

Não sabia o que fazer, era um dilema. Não queria morrer, mas sabia que isso era inevitável, a prova disso estava caída no chão, e o general nem mesmo olhava para

ela, como se fosse apenas algo casual. A imagem do olhar distante de Luana ainda permanecia em minha mente, mas eu não olhava para ela. Não olhar não adiantava, ela permanecia.

– Perderam – completou. – Vocês perderam. Ainda não temos certeza do que fazer com sua raça, se eliminamos ou se os tornamos nossos escravos. Até decidirmos, assumiremos o controle de tudo, já começamos isso alguns meses atrás, quando começamos com as buscas e com a vigilância das câmeras. Mas claro, isso tudo foi porque nós precisamos encontrar os...

A conversa foi interrompida. Outro soldado, o cabelo parecia ser louro e um pouco curto, usava o mesmo uniforme dos outros, mas as mangas estavam dobradas. Ele chegou rapidamente, parecia cansado e com vontade de contar o que descobrira, ofegava muito. Sua testa estava suada, dava para notar por conta da luz que era refletida de leve.

Não pensei nada além de “ufa”, mesmo sem saber o que iria acontecer em seguida. Ao menos não precisava falar com o general mais, ele estaria ocupado.

– Senhor – o soldado interrompeu, pôs a cabeça para dentro da sala, com o torso ainda para fora e pôs as mãos no batente para se apoiar. – Nós encontramos mais sobreviventes!

O general não falou no momento, apenas sorriu levemente, contentamento era notavelmente visto em seus olhos.

– Hoje deve ser meu aniversário – falou brincando e olhou para o soldado que ainda me segurava, ele riu imediatamente. – Jogue-o no porão.

Olhou-me com desprezo e saiu pela porta, seguindo o soldado que havia chegado. O homem que me segurava olhou para mim de mesmo modo, saiu da sala e abriu a porta onde a garota antes estava.

Eu via uma ladeira de degraus que levaram meus olhos diretamente para o duro chão de concreto cinza. A escada era de madeira e velha, algumas teias de aranha presas cá e lá e no teto uma lâmpada que podia ser acesa por uma corda.

Era um lugar de aparência horrenda, imagino que Luana deva ter ficado maluca lá dentro. Eu sabia que eu

ficaria caso passasse dois, ou mesmo um dia lá.

E o soldado fez o que o general mandou, levou ao pé da letra. Ele me empurrou e eu caí escada abaixo, minhas costas fracas bateram em cada degrau da escada e eu senti a dor invadindo meu sistema nervoso. Batia a cabeça nas placas presas entre o corrimão e a escada e não podia me livrar porque minha mão estava presa por uma espécie de algema de plástico que o soldado pusera em meus pulsos.

Era tão fina quanto um lápis, ele apenas passou uma ponta da tira de plástico por um vão e então a puxou bem firme. Quando havia chegado ao fim da escada, meus pulsos doíam, junto do resto do meu corpo.

O soldado já havia desaparecido há uns trinta degraus, e não ligara a luz. Estava no completo escuro, sem nem mesmo saber se minha cabeça sangrava. Não podia me mover, pois minhas costas doíam. Fora uma longa e dolorosa queda. Bater a cabeça no concreto também não ajudou a aliviar a dor.

Bom, talvez por um segundo, pois meu cérebro ficou confuso e eu não sentia as dores do meu corpo, mas

elas voltaram segundos depois, e multiplicadas por mil. Eu gemia em agonia, e ofegava por não conseguir respirar direito, meu pulmão parecia estar preso contra a frente da minha costela. Me sentia impotente, e estava.

Agora era só esperar, e talvez torcer para que morresse por conta das dores e não por conta de um tiro.

Um tiro vindo de um general alienígena.

2.

Chegava a ficar cega com todas as luzes que disparavam a cada segundo. Era um flash a cada milésimo de segundo. Pedi para que o fotógrafo fizesse uma pausa, estava tonta.

Não apenas tonta, mas enjoada... de uma maneira esquisita. Sentia um embrulho no estômago, mas não sabia o porquê daquilo.

– Garrett – pedi carinhosamente –, por favor!

Ele me olhou suspeito, como se achasse que eu estivesse tentando o fazer mudar de ideia usando meu charme. Eu até faria isso, se fosse adiantar alguma coisa com ele.

Tirou a mão do bolso e olhou para o relógio de prata preso em seu pulso. Encarou-o por alguns segundos, como se decifrasse o que estava escrito nele. Começou a bater palmas para chamar a atenção de todos.

– Pausa! – gritou.

Ninguém pareceu ter prestado atenção da primeira vez, estavam fazendo outras coisas. Garrett tirou a câmera do pescoço e deixou-a sobre uma mesa perto dos flashes.

– Tudo bem, podem fazer uma pausa, meia hora, assim tenho tempo de comer alguma coisa! – concordou e falou em voz alta, para que todos realmente o ouvissem dessa vez.

– Obrigada! – dei um leve pulo de alegria e um beijo rápido na bochecha dele.

– Não. Assim você vai me sujar de... – passou a manga da camiseta na bochecha em que o beijara e então a olhou. – Ah, merda. Obrigado, Camila!

– Desculpa – falei sorrindo e ele acabou sorrindo também.

– Pessoal! – gritou outra vez para que todos o ouvissem, dessa vez pareceu estar com raiva por ninguém

o notar.

Todos voltaram sua atenção para o fotógrafo, e apenas precisaram vê-lo fazendo um gesto para a porta para entenderem a mensagem: lanche. Não que a maioria das outras modelos realmente comecem muito – algo que não mudou, mesmo nessa Nova Sociedade; desgraças têm a mania de te seguir para onde quer que você vá.

Verifiquei o relógio que havia posto em minha bolsa e estava quase na hora da folga de Renato. Pus o relógio branco no pulso e me dirigi ao vestiário, queria retocar minha maquiagem e checar se estava bem vestida. Para um lanche qualquer, eu poderia pôr uma roupa *normal*, mas haviam outras razões que me faziam querer ir para o lanche de maneira mais bonita.

Não que isso algum dia tivesse dado certo, afinal, segundo o próprio, a beleza natural é o que há de melhor. Mas esse era o problema, eu não possuía nenhuma. Creio que apenas fora aceita pela agência porque eles pensaram que poderia ficar melhor com uma grande camada de maquiagem e um vestido que tire a atenção do rosto. O fotógrafo também ajuda nisso.

Não havia mais ninguém no quarto, apenas eu, o espelho e centenas de roupas para serem usadas nas fotos. Estava perto da parede, e podia ver-me perfeitamente no espelho do outro lado do quarto.

– Não, hoje não! – falei soltando um suspiro. Sentei no banco em frente ao espelho e comecei a remover a maquiagem do meu rosto, que ficava menos brilhante a cada passada do algodão.

Tirei o vestido branco como neve e macio como deitar na grama no verão. Joguei-o sobre uma pilha de outros vestidos, procurei minha própria roupa. Encontrei a bela e simples camiseta branca e jeans azul, os vesti imediatamente.

Calcei o tênis que encontrei após mais algum tempo de procura e fui para a frente do espelho novamente arrumar meu cabelo. Não arrumar, mas apenas ajeitá-lo, com minhas próprias mãos servindo como pentes. Meu cabelo não era amigável, castanho e raramente liso. Na maioria das vezes era ondulado, algo que o pessoal da agência não gostava.

Eu o preferia daquela maneira, ondulado e rebelde.

Eu *me* preferia daquela maneira. Parecia que finalmente, após um longo tempo em frente ao espelho, realmente estivesse vendo o reflexo de quem estava em sua frente. Apenas uma garota tentando viver a vida o melhor que pode, mas é sempre frustrada.

Mesmo quando tentou trazer aquele que ama para mais perto de si, o destino pareceu dar-lhe um tapa na cara e gritar no ouvido "não vai, não, vadia!". Fora recusado, duvidavam de sua capacidade, como ela ouvira em conversas aleatórias. E ainda havia o incidente com o currículo.

Era desgraça demais em sua vida, tudo conspirava para que nada desse certo. E o pior é que todos achavam que ela estivesse feliz. Era uma boa atriz. *Eu sou* uma boa atriz. Tecnicamente, minha vida é perfeita, possuo uma boa quantia de dinheiro e sou conhecida o suficiente para que sempre alguém me reconhecesse na cafeteria.

Mas...

O que as pessoas não parecem entender é que existe muito mais na vida do que dinheiro e fama. Esse pensamento não é algo da Nova Sociedade, ele vem sendo

passado de geração em geração há muito tempo. O que você mais precisa é alguém para amar, e isso era justamente o que o destino continuava a tirar de mim.

– Agora sim! – falei para mim mesma, satisfeita.

Olhava para o espelho e tudo o que via era *ela*, Camila Scharyd, a pessoa que eu não via havia um bom tempo.

Fechei lentamente a porta do quarto para que nenhuma das minhas colegas que ficaram lá me pegassem daquela maneira. Minutos depois estava andando na rua e respirando um ar puro, ou o mais puro possível lá embaixo.

Ninguém olhava para mim de maneira diferente, eu era apenas uma pessoa no meio da multidão de trabalhadores andando na calçada. Isso era incrível. Eu fiquei presa atrás de dois homens que resolveram conversar no meio da calçada e eles não interromperam sua conversa para que eu pudesse passar. Dei a volta e comecei a rir sem nem mesmo saber porquê.

Dei uma boa olhada na cidade ao meu redor e aquela foi a primeira vez em que realmente a notei, era

linda. Poderia ser ainda mais bela, com nuvens acima das nossas cabeças, mas pelo menos estávamos bem.

A Expresso Impresso era logo ali na esquina, eu andava despreocupadamente. Olhei pela janela e vi Carlo sendo atendido, não vi Renato em parte alguma. Deveria estar na parte de trás, logo mais se juntaria a nós.

– Oi! – falei sorridente atrás de Carlo, ele se virou segurando o café quente com cuidado.

– Camila? – estava surpreso. – Uau, você tá bem diferente. O que aconteceu?

– Eu só quis tentar algo novo. O que achou?

– Hã... tá bonita! – ele falou e logo desviou o olhar, não deveria estar falando sério, mas não me importava, eu me sentia bem, mesmo sem parecer bonita aos olhos alheios.

– Obrigada! – continuei com a mesma positividade de antes.

Carlo se virou para a atendente como se estivesse voltando à conversa.

– Como assim ele não apareceu aqui hoje? Tipo, ele deixou algum aviso? – perguntou.

A atendente apenas fez que não com a cabeça.

– O que aconteceu? – perguntei levantando um leve tom de preocupação desnecessário em minha voz.

– Renato não veio trabalhar hoje. Provavelmente acabou dormindo demais! – Carlo respondeu, ele prosseguiu para os sofás onde sempre sentamos. – Ainda nem deve ter acordado, te digo isso!

Eu olhei ao meu redor, tentando evitar mostrar minha decepção, pois gostaria de vê-lo, especialmente naquele dia. Sentei no sofá em frente ao de Carlo.

– Como você tá se sentindo? – ele perguntou depois de tomar um gole de seu café.

– Bem, muito bem – menti. – E você?

– Tudo na mesma. A firma ainda não tem nenhum caso novo, então só estou lá dando uma olhada numa papelada antiga.

– Nenhum caso novo? Isso é estranho! – falei. Carlo era um advogado, e um dos mais requisitados da cidade, ele não ter nada acontecendo era realmente novidade.

– Nem me fale. Semana passada mesmo nós

estávamos cheios de trabalho. Agora deve estar na temporada de descanso do pessoal – ele riu. – Como vai o trabalho na agência?

Eu o olhei por algum segundo, como se estivesse tentando pensar numa resposta falsa. Mas não havia resposta falsa, apenas a verdade.

– Nada mudou, mas não tem muitas revistas ainda. Parece que nem todos se recuperaram de tudo o que aconteceu... Cinco anos! – disse.

– Algumas pessoas têm problemas para se adaptar a esse tipo de situação. Mudanças drásticas. Mas logo vamos voltar ao normal, tudo vai começar a andar na mesma velocidade de quando andava lá em cima!

– É, talvez vá. Mas não sei se isso é uma coisa boa.

– Como assim? – ele perguntou.

– Ah, eu não sei. É como se... com todos desajustados, tudo parecesse ter começado agora, como se o tempo não estivesse passando. Como se tivéssemos chegado aqui ontem. Quando tudo começar a andar normalmente, vamos ter adolescentes que não sabem o que uma nuvem ou estrela é. Não sei se quero ver isso

acontecer. Acho que vai ser difícil demais para mim.

– É por isso que você precisa de alguém pra te ajudar a passar por essas situações.

– Eu sei. Você já disse isso milhares de vezes, mas...

– Eu entendi – assentiu com a cabeça. – Mas você precisa dar o primeiro passo, se ele não faz isso. Talvez ele só não esteja fazendo porque acha que não tem chances.

Não falei nada. Fiquei encarando o chão, como se ele fosse me dar uma resposta.

E talvez até mesmo tenha dado.

– E se a gente for na casa do Renato pra o acordar? Eu ainda tenho meia hora livre, o apartamento dele é logo ali!

– E como a gente vai entrar lá, gênio? – ele caçoou.

Enfiei a mão no bolso da frente do meu jeans e tirei um molho de chaves. Passei pela da casa, carro, casa da mãe e etc, era lá onde guardava as mais importantes.

– Com isso! – falei com um sorriso de orelha a orelha.

– Que é isso? – perguntou.

– Uma cópia da chave do apartamento dele, dãã. Ele me deu, em caso de emergência... E essa é uma emergência! – soltei um leve riso, Carlo acompanhou e levantou-se rapidamente, logo estávamos andando até a casa de Renato.

Eu olhava para cima e podia perceber como Renato se sentia. Era deprimente não ter um céu para olhar, principalmente à noite. Ele sempre me convidava para olhar as estrelas junto dele quando éramos adolescentes, e eu adorava, adorava ele. Mas parecia que depois que a guerra começou nós havíamos nos distanciado.

Sabe quando você vê aquelas duas pessoas na rua se encarando com um brilho no olhar e já tem certeza de que qual é o futuro delas? Bom, uma vez fora assim conosco. E a guerra acabou ferrando nossas vidas. Eu sabia que o queria, e ele, julgando pelo brilho nos olhos, também sabia.

Mas... merda acontece. Às vezes a vida não anda como você espera. Você acha que ela será uma breve corrida pelo campo de trigo dourado, mas ela é mais como uma longa e dolorosa fuga dentro de um campo de

tiroteio, e és atingido por balas constantemente.

Então, não. Aos meus 20 anos, já sou pessimista assim. Mas a vida me deu razões para isso, e ela afastava cada vez mais a única pessoa que me faria pensar de maneira diferente.

Talvez a vida fosse uma garota do meu ensino médio, e um dia eu acabei esbarrando nela sem querer, mas a vadia nunca se esqueceu disso e jurou passar o resto da sua vida tentando fazer a minha a pior possível.

Mas havia um momento do dia em que eu não estava completamente pessimista. Era no horário em que ia à cafeteria e sentava junto de Renato para ouvir suas conversas malucas.

Isso fazia eu me sentir especial. Por que não deveria? Talvez eu ainda tivesse esperança, lá no fundo, de que algum dia... tudo daria certo. É bobo, mas não há como evitar.

Se sua vida é ruim, você não pode fazer nada além de ter esperança de que algum dia ela será melhor. Alguns pedem ajuda a um ser superior e invisível, mas eu não possuía isso, eu precisava confiar em alguém real, que

ficasse junto de mim, que pudesse fazer a maior mudança possível na minha vida.

E eu o via sempre, e se não o visse um dia, era terrível, uma dor no peito sempre começava a incomodar. Na verdade, eu só estava indo à casa de Renato para o ver, não para o acordar porque se atrasou para o trabalho. Isso seria estúpido.

E Carlo sabia que ia para isso, não havia como não saber. Pela maneira que eu o olhava, parecia ser óbvio, como já fora avisada por colegas que era – elas também disseram que não entendiam o porquê, já que eu poderia conseguir *algo melhor*. A única pessoa que não percebia era a única que deveria. Ou talvez percebesse, apenas ignorava. Mas a gente não controla quem ama, se isso fosse fácil de se fazer, acho que o conceito de amor nem mesmo existiria.

Não era a toa que o maior guia de todos os tempos possuía apenas uma definição sobre o amor: “Evite, se possível”. Mas não é possível, isso é que é o pior.

– Com cuidado! – Carlo disse o óbvio, eu abria a porta do apartamento o mais silenciosamente possível.

A porta destrancou, eu retirei a chave e a pus novamente no bolso, uma das mãos ainda segurando o trinco. Quando me senti segura, empurrei e gritei algo que deveria assustá-lo, Carlo se juntou a mim. Se eu estivesse num sono profundo naquele momento, acordaria assustada.

Mas a cama estava vazia. Decepção novamente, tentei disfarçar.

Carlo entrou no apartamento, eu o segui. Ele provavelmente queria bater à porta do banheiro para ver se Renato estava lá, se arrumando após perceber que acordara tarde. Foi o que fez.

Deu três batidas e chamou o nome, nada. Vi o computador de Renato na mesa e disse isso para Carlo, ele não pareceu se importar. Peguei o laptop e o pus em meu colo, liguei-o.

A área de trabalho apareceu rapidamente, e o único ícone era de uma pasta com o nome de Relatos.

Cliquei nela, apenas pela curiosidade. Havia diversas outras pastas, e pastas dentro dessas. Era uma espécie de diário, categorizada por anos, semanas e dias.

Sabia que era errado, mas abri o último documento criado, na noite anterior.

Alistar-se no exército. Devo? Não quero, mas é a única maneira de voltar para a superfície, mesmo que talvez seja por pouco tempo. Não poderei levar ela comigo, sentirei falta de uma companheira para ver as estrelas. Mas ela não poderia ir comigo, é perigoso. Na verdade, eu já estou decidido, amanhã irei na junta militar, mas estou tentando aceitar o fato de que dessa maneira não a verei. Vou ter de ao menos escrever um bilhete, deixar uma explicação. Vai ser difícil.

Bilhete?, pensei. Comecei a olhar por perto, ver se havia algo ali. Nada. Olhei ao redor e lá estava ele, sobre o balcão da cozinha. Levantei-me, mas tinha medo de me aproximar. Meu estômago embrulhava a cada pequeno passo que dava, mas não deixei meu medo me impedir, embora quisesse desesperadamente deixar.

Não prestava mais atenção ao mundo ao meu redor, me sentia num casulo e lá só havia duas coisas: o bilhete e eu. Não ouvia mais Carlo, embora tivesse a impressão de que ele falava comigo.

Encarava o estúpido pedaço de papel com medo e um começo de lágrima nos olhos.

Peguei-o em minhas mãos, era curto. Não olhei de primeira, encarei o chão da cozinha logo em minha frente, arranjei força para ler o que fora escrito. Ao menos sabia que havia sido escrito por ele, talvez fosse algo bom. Mas, logica e emocionalmente, eu sabia que isso era impossível.

Levei o papel aos meus olhos e comecei a ler, o mundo deixou de existir.

Carlo, se você está lendo isso, peço desculpas por não ter te dito isso mais cedo, e também por nunca ter concordado com você, mas ambos sabemos que isso seria improvável de acontecer.

Camila,

Eu sei o que está pensando. Um dia talvez entenderá o que fiz. Sei que não passamos mais tempo o suficiente juntos, e quero pedir desculpas. Espero algum dia poder compensar por todo o tempo que deixamos de aproveitar, mas creio que isso nunca irá acontecer. E eu lamento por isso.

Há tantas coisas que queria te dizer, mas creio não ser possível. Isso é apenas tinta num pedaço de papel, o que preciso de falar necessita de mais que isso. Talvez consiga te falar antes de ir

para a superfície, mas acho que isso não irá acontecer. Mesmo assim, acho que você sabe, e por isso talvez seja melhor me afastar. Nunca conseguiria ter uma vida normal e feliz tendo a garota dos meus sonhos ao meu lado, como amiga.

E naquele momento eu *sabia* quais eram as palavras, as três palavras que ele nunca falara e que poderiam mudar nossa vida para sempre. Mas as vi naquele bilhete mesmo assim. Talvez fosse apenas minha mente me enganando, mas não acreditava nisso. Se ele iria para a superfície, seria depois que eu me despedisse de verdade.

Sem nem mesmo me lembrar que Carlo estava comigo, saí da casa. Ele ficou para trás, provavelmente não percebeu que eu havia saído também, estava investigando os livros de Renato. Eu sabia onde ele estava, ele mesmo havia me dito, agora eu só precisava torcer para que ele ainda estivesse lá. Não iriam aceitá-lo tão rapidamente, não é?

Desci as escadas correndo e tombei com um homem fardado. Ele me olhou petrificadamente, parecia pálido e seu rosto não demonstrava expressão.

– Desculpe! – disse para o homem loiro e de cabelo curto no mesmo segundo.

– Tudo bem – ele respondeu algum tempo depois, como se estivesse pensando em qual é a resposta correta.

Apenas então percebi que, como era um soldado, poderia me ajudar.

– Não sabe quanto tempo demora para aceitarem um novo recruta? – perguntei sem fazer rodeios.

– Não – demorou mais algum tempo, parecia uma máquina. Decidi que era melhor nem mesmo continuar com aquela discussão.

– Ok, obrigada! – disse sorrindo, continuei a seguir meu caminho e, quando saí da vista dele, comecei a correr.

Corria como o vento, precisava chegar na junta militar o mais rápido possível. Ele já poderia até mesmo estar sendo transferido para uma base maior naquele exato momento.

Não podia deixar isso acontecer, precisava dar um último adeus a ele. E, quem sabe, talvez ele mudasse de ideia. Talvez o convencesse a ficar lá comigo, pois na superfície tudo era perigoso. E ninguém tinha informações

sobre a guerra, ninguém enviava jornalistas para lá, pois os militares passaram a impedir algum tempo atrás. Na mesma época em que as buscas começaram a acontecer em lojas e houve a regra das câmeras de segurança.

Renato havia me contado sobre isso, que nunca deixavam o senhor Torres em paz, sempre apareciam novamente para realizarem uma busca. E nenhum civil deveria saber sobre aquilo, por isso sempre eles mudavam algo dentro da cafeteria e diziam que fariam uma reforma rápida.

Não se podia olhar para o teto da caverna direito, pois a grande quantidade de luzes nos cegavam, mas à noite elas eram vistas. Durante a noite apenas os postes de luz ficavam ligados, e a luz era refletida para o teto, onde se via toda a tristeza pela qual a Nova Sociedade passava.

Parei novamente em frente a cafeteria, para ter certeza de que Renato não voltara para lá. Nenhum sinal dele.

Eu sabia onde a junta militar ficava, passava por ela todo dia para ir à agência, passara a ficar fechada nos

últimos tempos. Durante todos os anos que havíamos passado no subterrâneo, uma coisa era certa: você podia se alistar no exército mesmo que estivesse ocorrendo algum terremoto e pedras estivessem caindo do teto, aquele lugar estava sempre aberto. Eles queriam novos soldados, e os aceitavam quase que instantaneamente.

Mas não ultimamente. Há alguns meses que a junta ficava fechada, todo dia, o dia todo. Talvez não fosse haver ninguém lá hoje também, o que seria ótimo, assim Renato não conseguiria se alistar e eu teria uma última chance de dar adeus.

E, parada na frente da junta, encarando o vidro escuro das portas fechadas, pensei que talvez isso tivesse acontecido. Resolvi pôr minha cara bem perto, cobrindo o redor do meu rosto com as mãos, assim conseguia ver um pouco melhor. Mas estava aberta, talvez não ali, agora. Mas uma luz estava acesa, isso era claramente visível, mesmo através do vidro escuro.

Tentei girar o trinco, estava trancado. Pensei em tentar forçar mais, praticamente arrombar, mas deveria haver alarmes, e isso não seria visto com bons olhos. Girei

o trinco novamente, como se algo fosse ter mudado, e nada.

Comecei a andar para longe de lá, havia dado um ou dois passos. Virei-me para a parede e dei um soco nela, decepcionada. Uma única lágrima desceu do meu olho e eu a limpei, aspirei o ar e claramente percebi que outras lágrimas pareciam vir, e meu nariz parecia haver encolhido com minha tristeza. Não respirava direito, respirar doía e era difícil. Não queria que ninguém me visse assim, pensei em talvez invadir a loja do outro lado da rua e ir ao banheiro lavar o rosto, me encarar no espelho e engolir o choro. Mas ele estava vindo rápido demais, não daria tempo nem mesmo de atravessar a rua.

Corri para o vão entre o prédio da junta militar e o de uma padaria, escorei-me na parede e perdi as forças, lentamente deslizei para baixo e logo estava sentada no chão, com o rosto enfiado entre os joelhos erguidos. Pus o cabelo grudado em minha cara para trás da orelha, e fiz um esforço para respirar. Voltei com o rosto para o meio dos joelhos, continuei.

Apenas me sentia daquela maneira porque sabia

que devia ter tentado algo antes. É assim que funciona a vida, ela te tira tudo o que quer, e quando você não tenta a conseguir de volta por muito tempo, ela a tira de você de verdade. Eu soluçava de leve e minha boca parecia umedecer ainda mais, as linhas de lágrimas agora me cortavam tanto o rosto que não eram apenas linhas. Novamente puxei o ar para dentro e levantei a cabeça, notei a porta branca um pouco para o lado de onde estava.

A porta era do prédio da junta, e talvez estivesse aberta. Eu já não tinha mais esperanças para milagres, mas ir para casa sem nem mesmo tentar abri-la seria estupidez. Levantei-me com dificuldades, como se a tristeza tivesse abalado meu equilíbrio, e fiquei em pé encarando a porta.

Aproximei minha mão e a primeira coisa que veio em minha cabeça foi: *e se eu acabar desabando de novo caso ela não esteja aberta?**

– Então eu tento me controlar – disse para mim mesma, baixinho. – Simples assim.

Pus uma mão no trinco da porta e a outra com a palma contra do vidro meio embaçado, mas de um transparente que remetia ao branco por conta do

embaçamento leve. Girei a mão e empurrei-a, nada. Aquela porta também estava trancada, e por que não estaria? Era idiotice minha achar que seria algo diferente.

Decidi que não adiantava mais ficar ali, mas não conseguia sair. Aquele lugar era o último em que Renato fora, eu me sentia presa.

Me encostei na parede em frente a porta e encarei o vidro esquisito. Meu rosto voltava a ficar seco e minha expressão era de uma leve tristeza, mas por dentro ela não era tão leve. Eu apenas a tentava controlar.

Havia conseguido forças para sair, e estava certa de que seria a melhor opção. Mas, ainda assim, experimentei olhar pela janela da porta lateral pelo mesmo modo que olhara pela da frente.

Aproximei meu rosto e tudo o que vi lá dentro foi a luz que havia visto ligada antes. Nenhuma pessoa trabalhando, ninguém pegando as informações de Renato para que então pudessem cadastrá-lo na ficha do exército ou algo do tipo. Talvez já tivessem feito isso.

Mas tinha algo no chão, perto de uma porta, não sabia o que era. Pressionei ainda mais o rosto contra o

vidro, mesmo que isso não fosse adiantar. Mas lá estava uma coisa que não poderia ser outra: um documento de Renato, com sua foto nele. Ele *estava* lá. Mas por que no chão?

Não... Não! Seria impossível algo ter acontecido com ele, afinal, estava num dos lugares mais seguros da cidade, provavelmente rodeado de soldados. Nenhum ladrão em sã consciência invadiria uma junta militar.

Uma onda de som quebrou todo o silêncio desde que havia parado de chorar, e o som me espantou. Ele passou cortando pelos meus ouvidos, chegou em meu coração e o fez pular. Subiu ao meu cérebro e o fez reconhecer a origem, todo o meu corpo tremeu de medo.

– Socorro! – ouvi o grito, as pregas vocais prestes a estourar, e depois que o grito acabou, até mesmo os arquejos foram ouvidos de longe, juntos de um choro de dor. Demorei exatamente dois segundos para perceber o que precisava fazer, recuperar minhas locomoções motoras.

Mas esses dois segundos pareceram demorar eternidades, o resto dos sons do mundo – das conversas

nos prédios por perto, dos carros andando pela rua e os motores roncando como um bêbado caído no banco da praça – pareceram lentamente sumirem. E continuaram a não aparecer por um bom tempo.

Por dois segundos, tudo o que ouvia era o grito de Renato ecoando em minha mente como se ela fosse uma caverna escura. Mas a única caverna por perto era o lugar onde morávamos, e ela não era escura, não a princípio.

Por que ele estava ali? Por que havia gritado? Quem havia o colocado ali? Não tinha respostas em minha cabeça, e meu cérebro rejeitava qualquer possibilidade de invasores na junta militar.

E o som das folhas presas aos galhos de árvores voltou, seguido de todos os outros. O mundo lentamente voltava a aparecer ao meu redor, mas eu não prestava atenção nele, apenas uma coisa importava naquela hora, e eu estava a apenas alguns metros dele.

E já estava tentando arrombar a porta com meu ombro. Bati uma vez e senti a dor da terceira lei de Newton. A porta pareceu ter vencido aquela rodada, mas logo bati nela novamente, a dor foi e voltou pelos ombros,

subiu ao meu sistema nervoso e meu corpo inteiro começou a sentir a mesma dor. Na terceira vez, a porta cedeu, um pouco. Depois apenas precisei dar um rápido empurrão com minhas mãos e a porta se jogou para trás.

Corri para onde estava o documento de Renato e gritei, chamando por ele. E ele respondeu, estava por perto.

Abri primeiro a porta da esquerda, ela estava destrancada, abri-a lentamente, com medo do que poderia ver. Todas as piores imagens passaram pela minha cabeça. Como Renato sentado e amordaçado numa cadeira, com uma mesa de metal ao lado cheia de aparelhos de metal usado para tortura, e ele sangrava pela boca, cabeça, pulsos, tórax.

A imagem que realmente vi não era pior do que essa seria, mas era a real, então assustava. Não estava apenas na cabeça de uma garota com medo, estava no mundo real, alguém havia feito aquilo.

Uma jovem, talvez da mesma idade que eu, deitada no chão, perto de uma cadeira de madeira marrom, uma poça de sangue ao seu redor. O cabelo manchado do

sangue que saía dela, o olhar encarava a parede ou o além, era aterrorizante, mas não tanto quanto a imagem ao todo.

Ela estava morta, com um tiro na testa, pelo que via. Era terrível, tapei a boca aberta com a mão e fechei a porta rapidamente. Fiquei contra a porta ainda com a mão tapando a boca, estava em choque. Mas precisava descobrir onde Renato estava. Suguei o ar da sala e o deixei ir lentamente, recuperando minha sanidade mental.

Abri a porta em frente àquela. Não via nada, era apenas um quarto escuro, com uma longa escada levando para baixo, talvez um porão. Havia uma corda logo acima, ligada numa lâmpada. Puxei-a e a lâmpada iluminou fracamente a sala, não parecia fazer muito efeito. Mas vi o que foi até mesmo pior que a garota morta.

Renato estava caído no chão, se contorcendo de dor. Ele me viu, mas não disse nada. Me via de lado, o pescoço torcido, evitava mexê-lo. Ouvia os arquejos de sua respiração e senti uma grande rocha caindo sobre mim.

– Renato! – disse sussurrando, ele talvez nem

mesmo tivesse ouvido. Via o brilho em seus olhos.

Desci as escadas rapidamente, mas com cuidado. Virei-o de lado e vi que suas mãos estavam presas com algemas de plástico, que eram apenas tiras, fiquei alguns segundos estudando como libertá-lo e consegui após algumas tentativas. Ele ainda não se mexia muito.

Grunhia, parecia tentar falar algo, mas a dor o impedia.

– A gente – ele disse e parou para ofegar, a dor devia ser excruciante – precisa sair – mais uma pausa, desta vez mais rápida – daqui.

– Vem! – disse para ele e me agachei para puxá-lo para cima.

Ele não gritou de dor, mas eu podia vê-la em seu rosto, os olhos fechados forçadamente, a testa franzida e os dentes saltando para fora. Ofegou novamente quando ficou em pé, sua mão em torno de mim, caindo em meu ombro, a minha em torno de sua cintura, para que não caísse novamente.

– Camila – ele começou.

– Agora não, evite falar – interrompi-o.

Subi degrau por degrau junto de Renato, ele se esforçava para subir um por um. Devia estar todo dolorido, precisava de um hospital. Puxei a corda da lâmpada e o quarto foi recheado por escuridão, saímos dele e fechei a porta. Rapidamente me agachei e peguei o documento de Renato que estava caído no chão.

Guardei-o no bolso de minha calça desajeitadamente, precisávamos sair de lá o mais rápido possível. Queria saber o que havia acontecido, isso era verdade, mas não queria que Renato gastasse energia apenas para me contar. E não queria que ele sofresse ainda mais.

Puxei a porta lateral do prédio da junta militar e voltei a segurar a mão de Renato que pressionava meu ombro numa tentativa de adquirir equilíbrio. Saímos lentamente, eu olhava para ambos os lados com medo de que alguém pudesse vir e nos impedir de escapar.

Eu não sabia o que havia acontecido para que ele estivesse preso num porão de uma junta militar, mas certamente não queria parar na frente do prédio para que ele me explicasse. Andei o mais rápido que pude, o que

não era muito porque Renato não andava direito. Sua face fazia a todo segundo uma careta de dor que me partia o coração, seus pés davam um passo atrás do outro, mas com dificuldade e de maneira esquisita, como se estivessem torcidos.

Por todo lugar onde passávamos, as pessoas nos encaravam. Eu não sabia o que dizer e nem mesmo se deveria dizer algo para essas pessoas, então sempre evitava olhá-las. Encarava ou o chão ou Renato, mas ver Renato continuava a me dar uma dor no peito, passei a encarar o chão na medida em que andávamos.

Não via nem mesmo o rosto das pessoas que não sabiam o que acontecera nem mesmo o rosto que se contorcia de dor de Renato. Nossa velocidade não era rápida o suficiente para que pudéssemos rapidamente sair de perto dos outros, mas precisava me conformar com isso.

Estava com medo de ir à casa de Renato, por conta daquele soldado que vira antes. Ele me dava medo, mas não só isso, talvez fosse reconhecer Renato e levá-lo de

volta para a junta e continuar com o que quer que estivessem fazendo. Seguiu rapidamente na direção da minha casa. Ela não ficava muito longe de lá.

Depois que tudo estivesse resolvido, poderia pegar meu carro e levar Renato para o hospital. Geralmente nem mesmo usava ele, pois era inútil, mas possuía um na garagem de meu prédio, para o caso de algum dia precisar. E finalmente este dia chegou. Quando tudo estivesse explicado, não queria que Renato passasse nem mesmo mais um minuto com dor, iria levá-lo ao hospital à mil por hora.

– Vai ficar tudo bem – falei na tentativa fútil de confortá-lo.

Não importava se tudo ficaria bem depois, não estava bem naquela hora, e ele sofria, então dizer aquilo não ajudaria muito.

Pesquei minha chave no bolso do jeans e abri a porta principal do prédio. Era um grande prédio de arquitetura bonita e diferenciada. Era o maior prédio da cidade, mas possuía apenas sete andares.

Também era branco como o prédio de Renato, mas

a pintura era impecável. As portas eram de um vidro preto e não havia como espiar lá dentro. Destranquei a porta da direita e empurrei-a para que Renato passasse, eu o guiei com a mão em suas costas, gentilmente. Ficava segurando a porta para que ela não se fechasse em sua cara.

Ele passou e eu entrei logo em seguida, tranquei rapidamente e voltei ao lado dele, Renato se apoiou em mim novamente e sua expressão mostrava alívio, ficar em pé sozinho deveria ter sido muito doloroso. Eu não podia nem começar a imaginar o que havia acontecido, mas talvez ele tivesse caído da escada, isso significaria que suas costas deveriam doer muito.

Poderia também significar que era um milagre não ter quebrado o pescoço, ainda mais se havia caído com as mãos presas às costas. Sua testa parara de sangrar, mas o sangue continuava lá, seco. Eu não podia nem me atrever a olhar para o rosto de Renato, achava que a qualquer momento eu fosse acabar caindo em prantos e não poderia nem mesmo ajudá-lo.

Apertei o botão do elevador – o meu prédio era um dos poucos que possuía, graças a Deus – e ele demorou

poucos segundos para chegar. Entrei junto de Renato e agarrei sua mão, coloquei-a no corrimão, ele segurou a barra de metal com força, sua mão começava a ficar vermelha, ele realmente tentava se manter em pé com todas as suas forças.

Apertei o número do meu andar, o sétimo, e voltei a me segurar em Renato, ele agradeceu com outra expressão de alívio em seu rosto. O elevador parou num dos andares, mas não era o último. Alguma outra pessoa havia apertado a merda do botão.

– Oi – ela disse de maneira esquisita ao ver o rosto de Renato, senti vontade de dar um soco no homem gordo e de cabelo um pouco grande, bem na cara, mas não o fiz.

Não respondi, não por falta de educação, mas mais porque estava mais preocupada em chegar ao meu apartamento. O homem percebeu que o número sete já estava pressionado e nem se deu ao trabalho de apertá-lo novamente.

A porta abriu novamente, desta vez no andar correto. Saltei do elevador o mais rápido que pude, mas o homem ainda conseguiu sair na minha frente. Eu levava

Renato às pressas, o que talvez não fosse tão bom para ele, mas pelo menos significava que logo ele estaria num lugar mais confortável.

Planejava deitá-lo em minha cama e deixá-lo o mais ereto possível para que não houvesse a possibilidade de ter algum dano excessivo aos ossos das costas.

Parei em frente a minha porta e novamente saquei a chave do bolso, abri facilmente e empurrei-a com força, ela bateu numa estante que havia encostada à parede. Entrei dentro do apartamento e Renato foi junto, fechei a porta e ela se trancara automaticamente, não era possível abrir do lado de fora sem ter uma chave.

Andei muito devagar, a cada passo tomando a dor de Renato como minha. Andávamos pela sala e, momentaneamente, ele perdeu as forças por completo. Caiu de joelhos no chão de madeira riscada do meu apartamento. A dor em seu rosto pareceu sumir por completo, apenas para retornar milésimos de segundos depois com força total.

Ele pareceu estar a ponto de gritar com todas as forças sua dor excruciante, mas não o fez. Como se a dor

do corpo o impedisse até mesmo de falar, abriu a boca e cerrou bem os olhos, os dentes tão afiados que poderiam atacar. Mas não emitiu som algum, como se fosse apenas uma tomada em câmera lenta num filme.

Caí também, ao seu lado, e o abracei o mais forte que consegui sem o machucar. Lentamente o puxei de volta para cima e fomos ao quarto. Ele parou ao lado da cama e pareceu não ter forças para se mexer mais, eu o ajudei a se deitar. Disse para que ficasse parado e assim não doeria tanto.

Mas doeria.

Ele estava machucado demais para não doer. E nem mesmo havia como notar. A não ser pela testa com sangue seco, seu corpo estava limpo, mas quebrado.

Corri para a cozinha e puxei uma gaveta, retirei um pano branco e o enrolei em meu braço. Molhei sua ponta ao botá-lo sob a torneira da pia e, antes de voltar para o quarto, agarrei o telefone preso à parede da cozinha.

– Eu preciso de ajuda – falei com o telefone pressionado fortemente contra o ouvido. Decidi ligar para o hospital, assim pessoas especializadas levariam Renato.

– Qual seu problema? – uma voz feminina e amigável falou do outro lado da linha.

– Meu amigo se acidentou, caiu de uma escada. Eu moro no apartamento 714, no último andar do prédio Silva. Poderiam vir logo, ele está sofrendo muito!

– Claro, senhorita. Nós enviaremos uma ambulância agora mesmo, enquanto isso, tenha certeza de que ele não se mova muito para que a dor não seja em excesso. Aguarde alguns minutos e logo chegaremos!

– Obrigada – disse e desliguei o telefone.

Corri para o quarto com o pano em minha mão direita, sentei na borda da cama e me apoiei no braço esquerdo, preso à cama. Renato estava logo abaixo dele, aproximei-me de seu rosto e passei o pano molhado em sua testa, para limpá-la do sangue.

Ele suava, por conta da dor que sentia, apostava, e talvez o frio e úmido pano o melhorasse, um pouco. Talvez distraísse sua mente e ele se esquecesse da dor, por um breve momento que logo passaria. Mas era o máximo que eu poderia fazer naquele momento.

Agora só restava esperar.

Você vai ficar bem, pensei.

E, embora soubesse que não havia como ele saber o que eu estava pensando, seu olhar me fez pensar diferente. Era um olhar profundo e penetrante, como se ele enxergasse o fundo da minha alma.

Seus olhos pareciam dizer “eu sei” quando seu corpo dizia o exato oposto.

Ouvi um bruto barulho, alguém batia à porta. Corri até ela e abri rapidamente, dois homens vestidos de branco entraram correndo e me perguntaram onde estava o ferido.

Eles ajudaram Renato e o levaram para a pequena ambulância onde ele ficaria junto de um dos homens. Iria para o hospital, e eu queira ir junto, mas era pequena demais para mais uma pessoa. Precisaria ir a pé.

E pretendia ir, mas antes que pudesse fui parada por Carlo, que chegou correndo.

– O que aconteceu? – ele perguntou preocupado e ofegante.

– Algo aconteceu com ele, mas não sei o que. Ele foi jogado num porão, agora tá indo pro hospital. Vamos!

Ele concordou, fomos o mais rápido que conseguimos. O hospital ficava um pouco longe, para um dos cantos da cidade, à esquerda. Mas precisaríamos passar por um lugar antes de chegar ao hospital.

Sim, na mesma junta militar onde eu havia encontrado Renato.

As lâmpadas presas no teto da caverna onde morávamos começavam a ficar cada vez mais fracas, imitando o pôr do sol. Logo mais toda a cidade só seria iluminada pelos postes de luz espalhados pelas calçadas.

E com as lâmpadas do novo céu perdendo força e deixando de liberar calor, começava a ficar frio, muito frio. Estávamos debaixo da terra, e já teríamos morrido se as grandes cabeças do mundo não tivessem achado uma solução. Por enquanto, teríamos de nos acostumar a viver com um pouco mais de frio durante a noite.

Como as luzes do teto ficariam desligadas e apenas as das calçadas liberariam calor, a temperatura não seria a mesma, embora ainda fosse ser possível sobreviver bem. Ainda mais com as luzes de dentro das casas, tudo ficaria bem.

Eu começava a sentir o frio se espalhar pelos meus braços nus, esfreguei-os tentando afastar o ar gélido que me envolvia. Mas não adiantava, logo ele voltava.

Algo acontecia na junta, mas não sabia exatamente o que. A porta estava aberta e a rua toda deserta, Carlo e eu éramos os únicos por perto. Todas as lojas estavam fechadas, pois as luzes começavam a apagar.

Estávamos do outro lado da rua, andando pela calçada, paramos de correr apenas para que eu pudesse prestar mais atenção no que acontecia. Com a porta completamente aberta, podia ver muito bem. Alguns soldados seguravam outros, que estavam todos marcados de cicatrizes e seus corpos moles de cansaço.

Um grande homem em posição dura parou na frente deles, eu agarrei Carlo e nós nos escondemos nas sombras para que pudéssemos observar com mais atenção sem sermos notados. O grande homem e de cabelo levemente grisalho estava com as mãos atrás de si, ele inspirou profunda e lentamente, sua figura se desfez.

Ele já não era uma pessoa comum, era apenas um... humanoide. Ainda vestia o uniforme do exército, mas suas

pernas, braços e torço eram mais finos. Continuava alto e sua cabeça possuía uma forma mais oval do que a anterior. Era como se ele antes estivesse usando uma camuflagem.

A pele era cinzenta, mas não completamente. Era o tipo de pessoa que você não gostaria de ver em seus sonhos, mas muito diferente do que víamos em filmes de ficção científica. O olho era grande, mas comum, nada gigante e completamente preto. A cabeça era lisa, talvez raspada, mas era mais provável que eles não possuíssem pelos e cabelos como nós.

Os outros soldados fizeram o mesmo, tomaram suas formas reais com uma sacudidela leve, ainda apertando os braços dos reais soldados em suas costas.

– Meu Deus – disse baixinho, completamente me esquecendo que Carlo estava comigo, parecia hipnotizada pelo desconhecido. – Eles são os alienígenas que estamos tentando expulsar da Terra.

Um silêncio assustador penetrou nas sombras do lado de uma loja de roupas, era lá onde estávamos.

– Acho que nós não conseguimos – Carlo falou com o mesmo tom de voz, senti um arrepio me invadir.

Dei um leve grito e logo em seguida tampei minha boca desesperadamente. Olhei para o outro lado da rua, para a junta, e o grande alienígena, provavelmente o líder de todos os outros, olhava diretamente para mim.

Mas eu sabia que era impossível ele me ver. As luzes estavam, àquela altura, completamente apagadas. Estávamos na total escuridão, não conseguíamos nem mesmo ver a nós mesmos. Ele continuou a olhar, então virou a cabeça para o lado e apontou o dedo indicador longo e fino para nós, os soldados puseram a cabeça para fora e começaram a seguir em nossa direção.

– Corre! – disse para Carlo, empurrando-o para os fundos da loja.

Corríamos como cegos, a parte de trás das lojas e casas eram completamente escuras, nenhum poste de luz estava por perto, apenas nas calçadas junto das ruas. Mesmo sem ver nada, o medo nos possibilitou correr rapidamente sem sofrer consequências.

Àquela altura, era a adrenalina que tomava conta dos meus movimentos. Meus pés eram jogados para frente sem eu nem perceber, como se fosse por instinto.

Em minha cabeça, começava a pensar em como aquilo era possível. Teríamos perdido a guerra?

Corríamos por uma superfície diagonal que parecia ser um gramado. Tropecei numa pedra e caí de cara na terra, Carlo percebeu meu gemido de surpresa e parou de correr.

Senti uma mão me agarrar e tentei me livrar dela. Carlo disse para que não me preocupasse. Ele me levou ao seu lado até que possuísse forças suficientes para voltar a correr por conta própria.

Toquei em seu braço para avisar que estávamos logo em frente ao hospital, entrei num beco escuro e saltei para a calçada iluminada, entramos ofegando no hospital. Escondemo-nos atrás das paredes por um minuto, para ter certeza de que ninguém nos seguira.

Corri até a recepcionista e pedi pelo quarto de Renato. Ela me informou o número e fomos para o elevador, apertei o botão e pus o cabelo todo espalhado pela minha cara no lugar. Meu coração batia rapidamente, sentia um aperto no peito e isso dificultava minha respiração.

Não importava, já estávamos no quarto de Renato.

O vi deitado na cama do hospital e corri até o seu lado, dei-lhe um beijo na testa e um abraço gentil, sabia que ainda estava com dor em provavelmente todo o seu corpo. O médico logo entrou no quarto e ficou surpreso ao nos ver.

– Ah, olá. Não esperava que ele tivesse visitantes tão cedo.

– Ele vai ficar bem? – perguntei.

– É difícil falar agora, precisamos fazer alguns exames mais detalhados, mas decidimos esperar, considerando sua situação. De acordo com seu relato, ele bateu a cabeça. Precisamos também saber se não houve nenhum dano interno ao cérebro.

– Mas... qual o seu diagnóstico preliminar? – Carlo perguntou ao perceber que eu não conseguia falar mais nada.

– Eu não quero levantar muito as esperanças de vocês, mas é bem provável que ele vá ficar bem, não parece que houve muitos danos. Claro, precisamos ter certeza de que ele está bem para podermos liberá-lo!

– Eu entendo. Obrigado! – Carlo disse e o médico sorriu um pouco antes de sair do quarto.

Eu me aproximei do rosto de Renato e passei a mexer em seu cabelo como se procurasse confortá-lo.

– Ouviu? O doutor disse que você vai ficar bem! – falei sussurrando, para que Carlo não ouvisse. Comecei a levemente chorar, pus meu rosto sobre o peito de Renato, agora era eu quem buscava conforto.

Não sabia nem mesmo se ele me ouvia, provavelmente estava sedado para que não sentisse dor. Mas não importava, ele estava lá e eu ficaria com ele.

– O que foi isso? – Carlo perguntou, a princípio pensei que falasse de mim, mas ele olhava para a porta.

Ouvi murmúrios de duas pessoas conversando. Saí de perto de Renato relutantemente e me escorei no batente da porta, com o corpo muito bem escondido dentro do quarto. Vi que o médico falava com um dos soldados.

– Você não viu ninguém entrar aqui, senhor? – o soldado perguntou, sua aparência era humana novamente.

– Não, bom, alguns visitantes. Mas nenhum... fugitivo! – respondeu o médico.

– Em que quarto estão? – o soldado pediu exigente.

– Eu pediria para que não os incomodasse, um garoto caiu de uma escada e está com muita dor no corpo, a gente deu alguns sedativos, mas...

– Em que quarto? – o soldado perguntou, desta vez tendo certeza de que era a nós que ele procurava. Apontou sua arma para o médico ameaçadoramente.

– Ali, ali, ali! – apontou para o nosso quarto, o medo invadia sua voz.

O soldado o deixou em paz e o médico saiu rapidamente de lá. O homem começou a marchar em nossa direção. Eu pus minha cabeça para dentro do quarto para que ele não me visse.

Não sabia o que fazer. Não queria que ele nos pegasse, mas não havia outra opção.

Olhei para Renato na cama e tive uma ideia. Não era a melhor de todas e não acaba de maneira boa, mas ao menos um de nós precisava sobreviver. Que fosse Renato, então. Afinal, Carlo e eu já estávamos praticamente mortos, o soldado não descansaria até nos encontrar, e já sabia em qual quarto um dos prisioneiros estava.

– Você tá maluca? – Carlo perguntou assim que rapidamente expliquei meu plano.

– Olha, não há outra opção. Ele já sabe onde estamos e não podemos correr, principalmente porque Renato está aqui e não pode sair com a gente!

– Mas... eles vão nos matar!

– Provavelmente – disse friamente. – Mas talvez a gente ainda consiga fugir.

Ele pensou por um segundo, sabia que não tinha todo o tempo do mundo para considerar o plano, então aceitou logo. Suspirei por causa do medo e saltei para fora do quarto, Carlo foi logo atrás de mim.

O soldado percebeu e apontou a arma, pronto para atirar. Nós levantamos as mãos ao mesmo tempo.

– Por favor, pare! – pedi. – Nós vamos com você, mas deixa ele aqui. Ele nem mesmo vai poder escapar, vocês já saberão onde ele estará. Mas, por enquanto, deixa ele aqui. Ele precisa melhorar.

O soldado pareceu confuso, não sabia o que fazer. Olhou para nós e então encarou a parede, pensante. Voltou o olhar para Carlo e eu, fez um gesto com a arma para que

fôssemos para a sua frente e nós entramos no elevador, ele veio logo atrás, a arma apontando para as nossas costas a todo momento.

Silenciosamente, agradei o nada por ele não ter entrado no quarto para pegar Renato.

Fomos caminhando até a junta. Já era noite, não havia mais ninguém na rua. Ninguém para testemunhar.

– Entrem! – ele disse firmemente, me empurrou com o cano da sua arma preso nas minhas costas.

Nós entramos no prédio, e não havia ninguém. Dois soldados, estavam ao lado das portas, fecharam-nas e o soldado que nos conduzia continuou a andar até uma sala, a sala da garota morta. Ele nos obrigou a entrar, eu estava com receio, meus pés já não caminhavam direito, uma hora eles congelaram por completo. Estava com medo de entrar lá e ver a garota novamente.

Mas o soldado me empurrou e acabei caindo no chão dentro da sala. Olhei para a minha frente, ainda caída, e fiquei aliviada por não ver nada além de um chão limpo. Eles haviam retirado a garota dali, e limparam muito bem o chão.

– Onde estão os outros? – o homem que antes vira se transformar num alienígena gritou para um grupo de soldados ajoelhados e com as mãos presas em suas costas. Era o líder, e voltava para a sua camuflagem humana.

Os soldados, provavelmente os *verdadeiros* soldados da cidade, olhavam para baixo, sem responder.

– General – o soldado que nos levava à sala disse para anunciar sua chegada.

– Ah, sim – o general disse ao virar-se e notar-nos.
– Você os encontrou, ótimo.

O soldado assentiu com a cabeça e andou para trás, como se não quisesse dar as costas para seu líder. Pegou no trinco da porta e fechou-a. Eu estava em pé, Carlo me ajudara a levantar.

O general não era o único *deles* dentro da sala, ainda havia mais dois soldados eretos num dos cantos, como se estivessem prontos para o caso de alguém tentar uma gracinha. E provavelmente estavam. Nem mesmo se questionariam antes de apertarem o gatilho.

– Então – o general disse aproximando-se de nós, começávamos a andar para trás na medida em que ele

vinha em nossa direção. Batemos na parede. – Quem são vocês?

A princípio, não falamos nada.

Ele soltou um leve e abafado riso, como se não estivesse com raiva por não termos falado. Mas a raiva estava em seus olhos.

– Quem são vocês? – perguntou novamente, recusamo-nos a falar.

Ele sorriu de maneira psicopática, pôs a mão no coldre e tirou dele um revólver. Deu três passos para trás e apontou ele para a cabeça de Carlo.

– Quem são vocês? – perguntou novamente, sem nenhuma alteração em seu tom de voz.

Minha respiração acelerou, e conseguia até mesmo ouvir os batimentos cardíacos de Carlo, eram rápidos. Ele estava apavorado, e seu rosto mostrava isso, embora não por completo. Parecia estar mais calmo do que eu.

Encarei os olhos do general, e perguntei-me se ele iria mesmo matar Carlo se não respondêssemos. Então me lembrei do que havia visto antes, naquela mesma sala – olhei para o chão, para o lugar onde a vi. Por que ela fora

morta? Será que se recusara a dar informações também?

Tentei falar, mas senti um nó se formar em minha garganta. Parecia ter ficado gaga, não conseguia falar direito. E Carlo estava petrificado, seus olhos fixados na arma que apontava para sua testa.

– Nós... – falei com dificuldades. – Eu encontrei um amigo aqui, e havíamos parado para ver o que acontecia aqui, então eu... eu... eu vi que... que... que você... m-mudou.

– Então você viu? – ele perguntou.

– S-sim – disse.

– Bom, é uma pena, pois ninguém pode ficar sabendo. Não enquanto ainda não temos um plano para vocês, humanos. Mate os dois – falou para os soldados no canto e virou-se para os soldados inimigos.

– Não! – gritei. – Por favor, nós não vamos contar para ninguém, eu juro!

– Ah, mas eu não posso ter certeza disso, não é? – ele perguntou, estava a centímetros de distância de mim. – Eu ia matar aquele seu amiguinho, mas não consegui. Acabei deixando ele viver por mais, o quê, duas horas? E

quando voltei descubro que ele fugiu. Então isso significa que eu não posso perder tempo com pessoas como vocês e devo matar logo, senão apenas acabam criando mais e mais confusão.

– Não seja covarde – gritou do outro lado da sala um dos soldados inimigos, o general se virou para ele, o rosto antes abaixado agora estava muito bem erguido. – Vai matar duas crianças?

O soldado que falou não era muito velho, mas possuía talvez quarenta anos. Sua farda era diferente da dos outros soldados, e em seu ombro, uma insígnia com quatro estrelas. Não podia ter certeza, mas diria que aquele era o verdadeiro general.

– Você tem sorte de eu ainda não ter matado vocês todos! – o general alienígena falou aproximando-se do humano. – Mas não, eu vou esperar até que ache todos os sobreviventes que fugiram, assim nós poderemos fuzilar todos de uma vez, sem se preocupar mais com sobreviventes.

– Pois eu te digo que não os achará, e se está contando conosco para achá-los, pode esquecer, pois nós

não falaremos nada, não importa o quanto nos torturem. Temos disciplina, e, acima de tudo, honra.

– Sim, claro – o general falou com voz gozadora. – Muito honrosos, fugir da batalha e se esconder numa caverna na superfície. Realmente, general, você vêm treinando muito bem os seus soldados.

Desta vez o general não respondeu, apenas fitou o homem que voltara a se transformar num alienígena. Nenhum dos soldados pareceu ficar surpreso ou com medo, provavelmente já haviam visto aquelas pessoas milhares de vezes no campo de batalha.

E eu havia visto antes, enquanto espiava o que acontecia na junta. Mas Carlo foi o único a demonstrar uma leve pontada de medo.

O general bufou, como se tivesse parado de prender a respiração após muito tempo segurando-a.

– Muito melhor – mexeu o pescoço de um lado para o outro, ouvimos um estalo. – Não sei como aguentam ficar nesses corpos imundos e pesados.

– Senhor? – um dos soldados do canto disse para o general, sua cabeça apontou para nós.

– Ah, sim. Jogue todos no porão, talvez eles sejam úteis depois, principalmente esses dois – olhou para nós. – E desta vez deixe alguém vigiando, quero ter certeza de que ninguém escapará. E se escaparem, eu vou matar o soldado que os deixou fugirem pessoalmente!

– Sim, senhor – o soldado concordou e começou a nos escoltar para o porão onde achava Renato. O outro soldado escoltou os que estavam de joelhos, incluindo o general humano.

Andávamos em fila reta, Carlo e eu íamos por primeiro. Um dos soldados abriu a porta e começamos todos a descer as escadas. Por um segundo, veio à minha mente a imagem de porcos a caminho do abatimento. Era mais provável que não fôssemos conseguir escapar, então apenas esperaríamos a hora de morrer.

Ninguém foi jogado como Renato fora, mas isso não significava que nossa estadia seria melhor. Apenas seria livre da dor física. Mas a dor psicológica poderia chegar a ser muito pior.

Com claustrofobia, não sabia quanto tempo aguentaria ficar dentro daquele lugar sem começar a ficar

asfixiada. Uma terrível maneira de morrer; junto ao pânico de respirar, mas não inspirar ar. Morrer numa tentativa fútil de puxar ar para os pulmões diversas vezes. Morrer em agonia por não respirar.

Se fosse assim, preferiria um tiro na cabeça. Pelo menos aquela garota que antes estava caída no chão da sala do general morreria imediatamente. Sem dor, sem desespero. Sem se agarrar nas pessoas ao seu redor como se isso fosse fazer seus pulmões funcionarem direito.

Estávamos no completo escuro, a única luz que entrava no quarto vinha por uma tênue fresta abaixo da porta do topo da escada. Ninguém via nada, todos se remexiam procurando um local vazio para sentar-se e esperar pela morte. Parecia que todos aceitaram, como porcos que perceberam que não sabem impedir o abate.

– Senhor, o que nós faremos? – perguntou um soldado para o general.

– Eu não sei, cadete. Eu não sei – ele admitiu. – Não temos as nossas armas, nem mesmo sabemos se os filhos da puta morrem. Acho que o melhor que podemos fazer é rezar para que os outros soldados estejam bem.

A voz do general vinha da minha frente, deveria estar escorado na parede. Eu estava perto da escada, escorada nos degraus. Minha respiração já começara a ficar pesada, meus suspiros eram falhos e até mesmo arfava com dificuldades.

Fiz a associação do meu pulmão com a fresta na porta no mesmo instante. Apenas uma tênue linha de ar entrava dentro dele.

– Rezar não vai adiantar nada – falei raivosamente, porém baixinho. Mas tinha certeza de que todos escutaram. Àquela altura, poderiam escutar até mesmo o barulho de grama crescendo, o silêncio inundado de aspirações era assustador. – Se tem alguém que vai nos ajudar não vai ser seu deus, vai ser nós mesmos.

Levantei-me com dificuldades, me segurava na parede para manter o equilíbrio.

– Desculpe – falei depois de uns segundos tentando ficar em pé.

Pus o pé no primeiro degrau da escada e o outro foi em frente. Subi até o topo. Puxei a cordinha que ligava a lâmpada que bruxuleava e mal iluminava o porão.

– Quando estou nervosa eu costumo... falar essas coisas – disse encarando o general, ele assentiu como se soubesse o que queria dizer.

Agora eu tinha tempo para ver como era aquele porão. Não estava indo para lugar algum por um bom tempo, eu supunha. Era um lugar vazio, parede e chão de concreto puro, e possuía algumas caixas aqui e ali, mas nada demais.

Desci as escadas e fiquei em pé, escorada do corrimão com o braço. Olhei para os dois lados na busca de esperança e não a vi. Ela parecia ter fugido para longe de nós.

Os soldados estavam espalhados por todo o porão. Alguns sentados no chão, como o general e outros três, outros sentados em caixotes de madeira. Todos estavam com o mesmo olhar de peixe morto no rosto. Era terrível ver os homens designados para serem os mais corajosos de todos daquela maneira.

E talvez era ainda mais esquisito ver que eu, a única que não tinha chances de sobreviver aquilo lá, era a que possuía ainda um brilho de esperança lá no fundo do

olhar. E não era muita, mas era o suficiente, ao menos para mim.

Chame de otimismo, chame de teimosia, mas eu me recusava a aceitar o fato de que morreríamos. Eu não podia morrer, ainda possuía muitas coisas para fazer com a minha vida. Principalmente, precisava falar com Renato. Sobre tudo, absolutamente tudo.

E eu não deixaria alguns alienígenas idiotas se intrometerem na minha vida, isso era algo que eu não aceitava.

Parti para um canto do porão e comecei a vasculhar as caixas de papelão. Como um lobo dilacera sua presa, eu rasgava as caixas na busca de uma resposta, de uma maneira de sair daquele lugar. Jogava todas as caixas vazias para trás, sem me importar se elas acertariam alguém. Não achava nada.

Quanto mais vasculhava as caixas, menos esperança eu tinha. Era como olhar para meu futuro e ver apenas um quarto branco e brilhante, e vazio. Caí no chão de joelhos e comecei a chorar, a realidade finalmente havia me atingido, não tinha o que fazer. Agora era só

esperar os soldados voltarem para que começassem a nos matar, seja lá como fossem fazer isso.

Esperava que fosse rápido, mas duvidava que eles seriam tão piedosos. Os olhos do general deles eram repletos de raiva, como se odiasse nossa civilização. Mas por que não nos deixar em paz? Já haviam ganhado a guerra, então por que não voltar para seu planeta e deixar esse sozinho de uma vez por todas? Não é como se nós fôssemos sobreviver por muito mais tempo.

Os recursos da Terra já foram para o brejo, começaríamos a entrar em extinção em talvez um ou dois anos.

– Tudo bem, Camila! – Carlo disse para mim, chegou por trás e pôs seu braço em torno de mim.

– Eu nunca mais vou ver ele – disse sem pensar, e sem emoção. Toda minha emoção pareceu ter se esvaído.

Ele não respondeu, o que talvez tenha sido melhor. Era melhor do que me dar falsas esperanças, era melhor do que me dizer a dura verdade. Mas mesmo o silêncio também doía.

Virei para os soldados e encarei um pequeno grupo

de três que estavam num dos cantos, olhando para o chão como cachorros mortos, sem amor em seus olhos. Era uma visão perturbadora.

O general possuía a mesma visão, mas parecia tentar escondê-la. Talvez pensasse que se não mostrasse estar se sentindo mal, os outros não se sentiriam. Mas era inútil, não importa o quanto se tentasse esconder, todos sabiam que o outro se sentia inútil, indefeso. E apenas a espera da morte.

Nunca tivemos a pena de morte, mas se tivéssemos, tinha certeza de que era daquela maneira que os detentos viveriam. Como se Deus os tivesse traído.

– E aquelas? – apontei para o grupo de três soldados.

– O que? – Carlo perguntou, todos seguiram com o olhar o local para onde apontava.

– Os caixotes. O que há dentro deles?

O general olhou-os e pareceu estar disposto a responder, mas não sabia qual era a resposta. Olhou para o além em busca dela, continuou sem saber.

– Saiam daí! – ele comandou os soldados sentados

sobre os caixotes de madeira. Aproximou-se e procurou uma maneira de abrir, sua mão deslizava pela lisa madeira, mas não encontrou nada. – Quem está disposto a quebrar a mão?

– Senhor – um dos soldados se aproximou e começou a examinar o caixote na medida em que o general se afastava, dando-lhe espaço.

Ele soltou um leve grito que parecia ser motivacional, deu um forte soco no topo do caixote e ele abriu. O soldado, muito jovem, afastou-se segurando sua mão, mas sua face permanecia estática. Outros soldados se aproximaram da caixa e começaram a retirar grandes pedaços de madeira do topo a partir da parte já quebrada.

O general ficou em posição de sentido, esperando que eles terminassem. Eles puxavam a madeira e jogavam-na no chão. Era difícil enxergar.

A única luz que possuíamos vinha da lâmpada perto da porta, mas havia uma parede que bloqueava seu brilho. Aproximei-me do general, sem deixar de encarar o grupo de soldados que destruía o caixote.

O homem se moveu pela primeira vez em minutos,

saiu do meu lado e se aproximou do caixote. Todos os soldados haviam dado um passo para trás. Eu permanecia no mesmo lugar de antes, hipnotizada.

Ele estava bem ao lado do caixote, tentando ver o que havia dentro dele, mas não conseguia ver nada. Era apenas um quadrado de escuridão. Levantou sua mão e a pôs dentro da caixa, começou a mexê-la e a expressão em seu rosto mostrava que ele estava surpreso.

Tirou do caixote um par de algemas, assim como um revólver. Olhou-os absorto, então encarou seus homens com uma leve linha curvada no rosto. Sorria, um pouco.

– Eu realmente não sei o que falar ao soldado que pôs essas armas aqui em vez de levá-las ao campo de batalha quando mais precisávamos, mas estou feliz por termos uma maneira de sair – o general disse olhando para os soldados, Carlo e, por último, para mim.

Meu rosto estava paralisado, não acreditava que finalmente tínhamos a chance de sair daquele lugar. Então nem tudo estava perdido.

– Todos peguem uma arma e um par de algemas –

disse para os homens. – Você também, mocinha. Não a queremos desprotegida, não depois de salvar nossas vidas.

– O que vamos fazer? – perguntei, todos retiravam armas do caixote que deveria ter sido uma entrega feita pelo presidente meses atrás, de acordo com o general.

– Nós precisaremos de um plano. E acho que já possuo um! – respondeu encarando a porta.

O quarto estava completamente escuro, ninguém via ninguém. Todos estávamos escondidos nos cantos da sala, o general era o único em pé, logo em frente a escada. O revólver que pegara do caixote estava bem preso em sua cintura, nas costas, e escondido pela camiseta branca e suada.

Ele retirara a jaqueta verde, ou qualquer que fosse o nome. Por baixo, vestia uma regata branca. Ele disse algo que não consegui ouvir, talvez fosse uma breve oração.

– Tudo bem, eu me rendo. Eu digo onde os outros estão, mas vocês precisam prometer que me deixarão viver! – gritou bem alto.

Por um segundo, nada aconteceu, o general apenas

continuou ali, parado. Sem falar nada. Então a porta se abriu. A luz que vinha do corredor não era forte o suficiente para iluminar lá embaixo, mas o suficiente para levemente mostrar uma silhueta do general.

O soldado que estava lá parado começou a descer as escadas, não ligou a única lâmpada da sala.

– Pois bem – disse. – Você falará com o general, então. Venha comigo.

O general não falou nada por um segundo, como se sentisse medo. E seria um tolo se não sentisse.

– Não, o general terá de vir aqui! – falou para o soldado.

– Não é você quem manda por aqui – o soldado falou e desceu as escadas por completo, a fim de buscar o general pelo braço.

O general ficou parado, esperando. Quando o soldado pôs a mão em seu tríceps para puxá-lo, com o outro sacou sua arma e bateu na nuca do soldado com sua coronha. O homem caiu no chão e ia sacar a sua arma, mas o general o bateu novamente e o jogou para um canto escuro da sala.

– Ok, vamos lá! – ele falou para os seus homens, que começaram a lentamente subir as escadas. O general algemou o soldado inimigo e retirou outro par de algemas do caixote. – Agora eu tenho que discutir algumas coisas com esse general.

Pisava com força enquanto subia as escadas até o corredor. Carlo e eu ficamos para trás, como o homem dissera. Se alguém tentasse descer lá embaixo, teríamos como nos defender, mas lá em cima parecia ter começado outra guerra.

A princípio, era apenas um silêncio. Depois ele foi quebrado com lutas, ouvia socos e gritos. E então começaram a usar suas armas. Foi depois que um dos alienígenas disparou primeiro. O soldado humano havia atirado para se defender. Acertou o alienígena, e depois todos começaram.

O general atirava em todos os que entravam em seu caminho, seguia para a sala do general. Eu havia subido até uma ponta segura da escada, esticava o pescoço para ver o que acontecia. O general abriu a porta com força e, sem dó nem piedade, atirou na cabeça do outro general.

Quando tudo acabou, dois soldados desceram.

– Vamos, precisamos achar os outros sobreviventes da guerra e ter certeza de que não há mais nenhum alienígena por aqui – o general disse com voz firme para os seus homens enquanto éramos escoltados para fora, seu rosto estava vermelho e suas veias pulsavam no pescoço.

Todos os outros soldados concordaram e saíram da junta militar, olhavam para todos de maneira suspeita. Afinal, qualquer um poderia ser um dos alienígenas, principalmente se podiam se transformar num ser de aparência humana.

Mas logo o general chamaria mais cientistas para examinar os corpos dos soldados que ainda pareciam humanos, eles estudariam uma forma de obrigar o corpo a tomar sua verdadeira forma, se realmente não fosse um humano.

Mas tudo o que eu conseguia pensar era que estava livre. Poderia ver Renato no hospital e dizer para ele tudo o que sempre quis. E não sabia aonde aquilo ia levar, mas não importava. Só sabia que precisava dizer, quer eu fosse ter um futuro com ele ou não.

3.

Camila se preparava para a mudança, estava no sótão de sua casa procurando por coisas que achava necessário para levar ao seu novo lar.

O sótão não era esquisito ou assustador, claro, era de dia e tinha muita luz. Mas algumas teias de aranha aqui e ali a assustavam de vez em quando.

Ela se sentou no banco que levava para não ter de sentar no sujo chão e começou a revirar dentro de uma caixa. Achou um antigo celular, um binóculo, alguns livros do Carl Sagan e um diário. Era um caderno de capa dura e marrom, de aparência antiga – até mesmo medieval. Ela o abriu e começou a ler o que havia escrito anos atrás.

Passou alguns minutos devorando tudo o que havia escrito, então desceu as escadas para voltar à casa. Procurou por seu noivo por toda parte, queria mostrar-lhe o que havia encontrado.

– Você não vai acreditar! – ela disse quando o encontrou, estava sentado em seu banco, na garagem, lendo algo também.

– Digo o mesmo – Renato falou e mostrou-lhe um livro parecido com o seu.

– Eu nem mesmo me lembrava que tinha um diário, eu escrevi absolutamente tudo sobre o que aconteceu – Camila informou-lhe.

– É, eu também me esqueci que comecei a fazer um no meu tempo livre, pensava que talvez alguém fosse achar depois que eu estivesse partido e talvez achasse interessante, saber como era a vida debaixo da terra.

– Temos sorte – ela disse após um tempo, olhando para o noivo com seu típico olhar apaixonado. Sentou em seu colo e deu-lhe um beijo que durou talvez dez segundos, talvez dez anos.

O tempo pareceu congelar. Eles aproveitavam seus últimos momentos na casa que compraram um ano depois de começarem a namorar.

Mas agora todos se preparavam para deixar a Terra. Era apenas um grande deserto. Os cientistas conseguiram simular o verde das antigas gramas e árvores, mas não era a mesma coisa. E o ar não era mais o mesmo. Ainda estavam todos no subterrâneo, mas a superfície deixou de

ser aquele grande tapete verde e azul que todos tinham em mente.

A guerra acabou com tudo, o planeta Terra não tinha mais salvação. E era por isso que todos estavam se preparando para a mudança de planeta.

– Senhor e senhora Clarkson, vocês por acaso querem ficar presos aqui na Terra? – o mordomo perguntou irritado ao chegar na garagem e ver os dois que continuavam a se beijar. – A nossa nave vai partir em duas horas, e vocês ainda não terminaram de empacotar... Ah, sabe do que? Eu vou ligar aquela robô, pois vocês são incompetentes demais. Só espero achar as baterias...

O mordomo partiu, e os dois começaram a se encarar. Renato sorriu levemente, estava feliz, e quando estava feliz seu sorriso era imperceptível.

Camila o notou, e deu-lhe um beijo na bochecha.

– Pronto para sermos o primeiro casal a casar em Júpiter? – e riu um pouco, ela também.

– Sim! – disse, e foi o que disse um mês depois, em frente ao seu noivo.